

**CENTRO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA BATISTA DO ESPÍRITO SANTO**

**KHALIL MUBARAK**

**OS DESCENDENTES DE ISMAEL NO PLANO SALVIFICO DE DEUS**

**VITORIA  
2019**

**KHALIL MUBARAK**

**OS DESCENDENTES DE ISMAEL NO PLANO SALVIFICO DE DEUS**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à disciplina Trabalho de Graduação II como requisito parcial para obtenção do Certificado do Curso Superior Livre em Teologia com ênfase em Ministério Pastoral no do Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo.

Orientador: Prof. Wanderley Lima Moreira

**VITÓRIA  
2019**

MUBARAK, Khalil.

**Os descendentes de Ismael no Plano salvífico de Deus**

Khalil Mubarak – Vitória, 2019.

53 p.

Orientador: Prof. Wanderley Lima Moreira

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo. Biblioteca.

1. Teologia do Antigo Testamento. 2. Antropologia Social. 3. Etnografia. 4. Genealogia. 5. Soteriologia. Título I

CDD

# CENTRO DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA BATISTA DO ESPÍRITO SANTO

KHALIL MUBARAK

## OS DESCENDENTES DE ISMAEL NO PLANO SALVIFICO DE DEUS

**Orientador:** Prof. Wanderley Lima Moreira

Data da defesa/entrega: 25/11/2019

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

Presidente: **Prof. Wolmar Craus**

Teologia - Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo (CETEBES)

---

Membro Titular: **Prof. Wanderley Lima Moreira**

Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo (CETEBES)

---

Membro Titular: **Prof. Gilnei Gil da Silva**

Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo (CETEBES)

---

Membro Titular: **Prof. Josué Vieira Amorim**

Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo (CETEBES)

Aprovado em 25 de novembro de 2019.

**Local:** CETEBES – Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo | Sala 301 | Curso Superior Livre em Teologia nos termos do Decreto nº 5.154 de 23 de julho de 2004, Art. 1 e 3 e CEE 14/1997, que dispõem sobre a certificação de cursos superiores livres.

## **Dedicatória**

Ao Senhor Jesus, pela obra redentora na cruz do calvário;

À minha família que é a minha base fundamental, mãe, pai, irmão e irmã;

Aos meus amigos, porque de fato, o reino de Deus é um reino de amigos;

À minha igreja, minha família na fé, Primeira Igreja Batista em 23 de Maio;

E por fim, e não menos importante, à minha esposa Samira. As palavras faltam e eu só sei escrever isso: *TE AMO!*

E, nos passos deles, enviamos Jesus, o filho de Maria, confirmando a Lei que veio antes dele. E lhe enviamos o evangelho, no qual havia orientação e luz e confirmação da Lei que veio antes dele: um guia e uma admoestação para aqueles que temem Allah. Que as pessoas do evangelho julguem pelo que Allah revelou nele.

Sura 5.46-47 - *Alcorão*

## RESUMO

Após a entrada do pecado no mundo e a promessa de Deus de que salvaria o seu povo através do descendente da mulher, inicia o que chamamos de plano de salvação. Esta é a maneira como Deus salvaria a humanidade da morte eterna consequência do pecado do homem. Diante deste aspecto, está a construção teológica acerca da salvação no decorrer dos anos. A teologia ocidental, e de forma especial a teologia brasileira, sofreu bastante influência judaico-cristã em sua construção. Isso gera, em parte, a problemática discutida nessa pesquisa. Os pressupostos da eleição de Israel influenciaram diretamente e historicamente na evangelização dos povos árabes, isto é, os descendentes de Ismael. Compreender estes aspectos e também estudar de forma assertiva a universalidade da salvação em Cristo Jesus, vai nos mostrar que a salvação está para o judeu, o gentio, os ismaelitas e todos quantos crerem e confessarem que Jesus Cristo é o filho de Deus. Para isso, analisamos os aspectos da promessa de Deus a Abraão e a abrangência dessa promessa. Um destaque especial à promessa de Deus a Hagar na pessoa do seu filho, Ismael e suas implicações na formação dos povos árabes. Outro aspecto analisado é a influência da teologia dispensacionalista e suas influências sobre o tema salvação. Outro fator importante em destaque é a compreensão da história de Ismael e seus descendentes baseados na promessa de Deus ao menino no deserto. A busca pela razão do esvaziamento da história de Ismael no relato bíblico e os pormenores que norteiam essa questão são observados neste estudo. A universalidade da salvação e a abrangência da promessa de Abraão aos filhos de Ismael são o ponto focal dessa pesquisa, que busca trazer luz a esta temática e de alguma maneira incentivar a igreja e a cada cristão, a atender a necessidade urgente de se pregar as boas novas do evangelho aos povos árabes.

**Palavras-chave:** Salvação – Ismaelitas – Promessa – Abraão

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. ASPECTOS DA PROMESSA DE DEUS A ABRAÃO.....	12
1.1. O PROTOEVANGELHO.....	14
1.2. O PACTO COM O TOLEDOT ABRAÃMICO.....	16
1.3. A ESCOLHA DE UMA NAÇÃO.....	19
2. POSIÇÕES SOBRE A SALVAÇÃO DOS ISMAELITAS.....	25
2.1. A TEOLOGIA PRÉ-MILENISTA DISPENSACIONALISTA.....	28
2.2. A TEOLOGIA AMILENISTA E PÓS-MILENISTA.....	32
2.3. O QUE DIZ O ALCORÃO?.....	34
3. A PROMESSA DE DEUS A ABRAÃO ESTENDIDA A ISMAEL.....	38
3.1. O EVANGELHO PARA OS ÁRABES.....	38
3.2. RELATOS MISSIONAIS NO MUNDO ÁRABE.....	40
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51

## INTRODUÇÃO

Existem muitos povos espalhados pelo mundo, e por consequência muitas culturas e cosmovisões diferentes. Há ainda, dentro de uma vasta lista de povos, teologias e modos de se entender o divino de formas diferentes e variadas.

Na história de Israel é possível perceber que Ismael não possui um fluxo contínuo nos acontecimentos da metanarrativa da salvação do povo de Deus, isto tem gerado uma discussão acerca da salvação dos seus descendentes.

A partir do momento em que o pecado entra na vida do ser humano, entra em cena o plano salvífico de Deus, plano este que tem o ápice na obra redentora de Jesus Cristo na Cruz do Calvário, sua ressurreição e ascensão aos Céus. No desenrolar deste plano, Deus promete a um homem que faria dele uma grande nação, que esta seria abençoada e que a partir dela todas as famílias da terra seriam abençoadas. Diante disto, a Teologia tenta explicar e argumentar em muitos aspectos a respeito da salvação. Uma cisão importante, tanto cultural quanto teológica tem início exatamente no que cerne a esta promessa: Judeus x Ismaelitas. Partindo do pressuposto que nossa teologia ocidental é uma teologia com bases judaico-cristã, é de fundamental importância entender o papel dos ismaelitas, isto é, os descendentes de Ismael dentro do plano salvífico de Deus. Compreender essa relação pode fazer toda a diferença no âmbito da construção de uma teologia saudável que extrapola a barreira étnica e principalmente na evangelização de povos muçulmanos. Historicamente, seja por questões políticas, culturais e até mesmo étnicas, o povo ismaelita tem sido colocado à margem da sociedade principalmente no Ocidente do nosso planeta. Essa segregação influencia diretamente a nossa teologia e pouco se é estudado sobre sua cosmovisão teológica, dificultando, entre outras coisas, as estratégias de alcança-los com a mensagem de Cristo, a mensagem do plano de salvação de Deus para a humanidade.

O epicentro do debate teológico proposto encontra-se exatamente no ponto de divisão entre os judeus/cristãos e os ismaelitas: o filho da promessa. Compreender e usar a teologia para clarear a ideia de que a promessa de Deus abrange Isaque, mas que também existem promessas pra Ismael, e que principalmente Deus não se esqueceu dele e nem dos seus descendentes no seu plano de salvação, pode fazer toda a diferença.

A proposta desta pesquisa foi considerar, teologicamente, que a abrangência do plano de Deus se estende também aos descendentes de Ismael. A discussão desta pesquisa pretende responder a algumas questões como o porquê de que pouco se fala aqui no ocidente, sobre as promessas bíblicas para o filho de Abraão, Ismael. Ainda, porque na teologia judaico-cristã personagens como Hagar e Ismael são colocados em segundo plano. Como essa teologia influencia para que a cultura do povo ismaelita seja pouco considerada, pouco estudada e principalmente alvo de envio de missionários a estes campos. E ainda, como a teologia ismaelita entende o cristianismo ocidental, quais seus pontos conflitantes e pontos concordantes.

Uma vez que a promessa de Deus em abençoar o povo de Israel proporciona diversas discussões teológicas e a partir dela várias nuances, um ponto de interseção nesse debate é exatamente o filho da promessa. Enquanto a teologia judaico-cristã credita essa promessa a Isaque, os ismaelitas creditam a benção da primogenitura para Ismael. Quando se leva essa discussão ao extremo, chega-se a sensação de que o povo ismaelita está fora do plano salvífico do Deus de Israel. E isto influencia diretamente a maneira ocidental de construir teologia.

A escolha do tema delimitado é a expectativa de trazer luz ao plano salvífico de Deus para todos os povos, e especificamente como objeto de estudo os descendentes de Ismael, visto que, para muitos, este povo é antagônico do povo judeu, este entendido como alvo exclusivo das promessas veterotestamentárias. Soma-se a isso, a escassez de estudos sobre a teologia muçulmana e suas comparações com a teologia judaico-cristã.

Existem muitos povos espalhados pelo mundo, e por consequência muitas culturas e cosmovisões diferentes. Há ainda, dentro de arcabouço de povos, teologias e modos de se entender a Deus de formas diferentes e variadas.

A tensão apontada neste texto gira em torno de como a teologia bíblica dialoga com as diferentes percepções de mundo e de Deus. Em dados momentos, essa tensão é tão grande que surgem cisões onde as rupturas são de difícil reconstrução. Uma destas cisões é o objeto de estudo desta pesquisa: os descendentes de Ismael.

A discussão sobre a promessa de Deus a Abraão separa dois povos irmãos: judeus e ismaelitas. Partindo da premissa de que a construção teológica ocidental

tem suas raízes em uma teologia judaico-cristã, essa tensão respinga nas igrejas do ocidente, quase que formando uma segregação étnico-teológica.

O debate se aprofunda na discussão da abrangência dessa promessa e na elucidação de como cada povo entende a promessa de Deus é o que pode trazer luz a esta celeuma, pois, à medida que a revelação vai progredindo, essa discussão amplia conceitos e aspectos, e por consequência surgem construções teológicas distintas. Termos técnicos próprios da teologia, tais como eleição, a escolha de Deus por um povo e revelação especial vão adentrando ao debate e tornando a discussão ainda mais profunda. Diante disso emerge a pergunta: estariam os descendentes de Ismael dentro do plano salvífico do Deus de Israel?

A justificativa da pesquisa se dá por sua relevância, uma vez que levar a mensagem do evangelho da salvação a todos os povos é a missão de Deus confiada a sua Igreja. Não há limites e nem exceções para esse alcance.

Os povos ismaelitas, devido sua cultura, cosmovisão e teologia diferentes da cultura ocidental são considerados povos de difícil alcance. Soma-se a isso o fato de a construção teológica brasileira partir do pressuposto judaico-cristão, os povos descendentes de Ismael (em sua maioria muçulmanos) são excluídos do alcance das investidas missionárias. Entender e considerar o plano salvador de Deus para estes povos pode interferir diretamente na maneira como eles são vistos pela Igreja ocidental e com isso contribuir para que maiores esforços possam ser dispensados no alcance dos mesmos.

A relevância científica do tema se dá pelo fato de que uma construção teológica saudável pode surgir em uma comparação com teologia de povos de cosmovisão diferentes. Logo, o uso da ciência interpretativa, a saber, a hermenêutica foi a ferramenta que abriu caminhos para a pesquisa, através da investigação dos contextos históricos, culturais e semióticos.

Em termos sociais, a pesquisa é relevante pelo crescente o número de imigrantes muçulmanos para o Brasil, e isso ocorre devido a diversos fatores, dentre eles: a) crise de refugiados; b) políticas econômicas; c) segregação étnico racial.

Embora o objetivo dessa pesquisa não seja social, e sim teológico, este estudo será capaz de estimular o pensamento ocidental em relação à motivação migratória destes indivíduos que têm chegado ao Brasil. Essa compreensão facilita uma aproximação e estimula o relacionamento entre as pessoas e, guardadas as

proporções, fazem parte do comissionamento de Jesus em fazer discípulos em nível relacional.

Para o protestantismo e para a igreja do Senhor Jesus a relevância está associada ao aspecto missional. A proposta é levar a Igreja a pensar além dos seus limites, influenciando a comunidade cristã ocidental não somente a pensar sobre a sua construção teológica, mas também a considerar cosmovisões diferentes, perceber o lócus dos descendentes de Ismael no que se refere à doutrina da salvação, promovendo uma postura missionária e o amadurecimento cristão.

O objetivo geral desta pesquisa é demonstrar teologicamente que a promessa de Deus a Abraão é abrangente a todos os povos e que os descendentes de Ismael estão incluídos dentro do plano salvífico de Deus, para isso, foi construída uma argumentação a partir dos objetivos gerais, assim distribuídos ao longo do texto: a) compreender os aspectos da promessa de Deus a Abraão; b) conhecer as discordâncias e concordâncias entre as teologias soteriológicas judaico-cristã x ismaelita; c) investigar os aspectos da promessa de Deus a Abraão estendida a Ismael.

A pesquisa utilizou várias metodologias com base em obras autores. No eixo teológico, foi utilizado o método hermenêutico progressivo de Gerard Van Groningen e o método histórico-crítico para aferir o que a Bíblia Hebraica diz acerca do tema. Também foi utilizado o método histórico e o método hipotético dedutivo de Karl Popper a fim de chegar a uma melhor aproximação do da linhagem, parentesco e os diferentes elementos constitutivos da evolução familiar ismaelita e da interpretação teórica, crítica e reflexiva acerca da salvação dos ismaelitas. Para fins de formatação do texto foram usadas as normas da ABNT a partir de pesquisas bibliográficas.

Kidner, Merrill e Kaiser Jr trazem um arcabouço teórico muito relevante para a temática proposta nesta pesquisa e são utilizados para uma compreensão mais abrangente dos pressupostos e componentes históricos que permeiam as promessas de Deus e o seus pactos para com seu povo. Esta compreensão, em todos os seus aspectos norteará a pesquisa proposta.

## 1. ASPECTOS DA PROMESSA DE DEUS A ABRAÃO

No Antigo Testamento a sentença “Pela fé, Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia” (Hebreus 11.8) mostra o pressuposto da promessa feita a Abraão.

Os relacionamentos de aliança que Deus estabeleceu e desenvolveu com seu povo talvez seja o tema de maior importância teológica do Antigo Testamento.

Sobre as alianças que Deus fez com seu povo, a Bíblia de Estudo NVT declara que:

Deus fez uma aliança com Abraão e sua família, um pacto cujo sinal era a circuncisão. A aliança de Deus com Abraão prometia descendentes, terra e governantes, essas promessas constituíram a base para as alianças que Deus fez com seu povo mais adiante.<sup>1</sup>

As alianças instituídas por Deus para com o seu povo desde os primórdios, embora haja a ação punitiva de Deus por conta do pecado progressivo da humanidade, retrata a ação preservadora de Deus. A esse respeito, Rendtorff declara:

Se até essa altura o fio condutor foi a graça de Deus que, apesar de pecado e castigo, continua tendo a última palavra, tematiza-se agora, na história de Abraão, a promessa divina. A Abraão é dada a promessa da descendência, de posse da terra e de benção. Mas imediatamente depois, Abraão põe a perigo tudo isso ao abandonar Sara, sua esposa, ao faraó. A seguir, cai no extremo oposto: quando a promessa parece não se cumprir, porque Sara é estéril, tenta obter por outra via o herdeiro. Deus, porém, cumpre sua promessa conforme seu propósito: através de Isaque, o filho de Sara.<sup>2</sup>

Deus chamou Abraão da cidade de Ur para ser patriarca do seu povo. Abraão ainda estava em Ur quando Deus o chamou (cf. At 7.2-4) quando Deus o chamou para uma nova terra. Disse a Abraão: “Deixe a sua terra natal, seus parentes e a família de seu pai e vá à terra que eu lhe mostrarei”<sup>3</sup> (Gn 12.1). Deus abençoou Abraão ao fazer com ele uma aliança que incluía promessas de grandes bênçãos, uma descendência numerosa e uma nova terra.

Abraão saiu de Harã aos 75 anos. Ao entrar em Canaã foi primeiro a Siquém, uma cidade entre o monte Gerizim e o monte Hebal, local de adoração dos cananeus e ali, e também perto de Betel, Abraão construiu altares e proclamou o

---

<sup>1</sup> BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 44.

<sup>2</sup> RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento**. 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p. 16.

<sup>3</sup> BÍBLIA NVT, 2018, p. 44.

Deus verdadeiro. Em seguida, mudou-se para Hebrom, junto aos carvalhos de Manre, onde também construiu um altar para adorar a Deus.

Quando, mais uma vez, Deus lhe prometeu bênçãos em uma visão (cf. Gn 15.1), Abrão declarou que ainda não tinha filhos porque Sarai era estéril (cf. Gn 11.30) e que Eliézer, de Damasco era seu herdeiro. Essa declaração obscura é esclarecida pelos documentos de Nuzi:

Um casal sem filhos poderia adotar alguém para prover à subsistência deles, os quais, no fim, herdariam a propriedade deles, exceto que algum filho subsequente, nascido naturalmente, herdaria automaticamente no lugar do filho adotado.<sup>4</sup>

Ao que parece, Eliézer foi adotado dessa forma, mas Deus prometeu que o herdeiro de Abrão seria um filho natural.

Em várias ocasiões, Abrão deixou de fazer o que era certo, duas vezes mentiu a respeito de Sarai por medo, e tentou resolver as coisas à sua maneira ao ter um filho com Hagar em vez de pedir e esperar que Deus agisse. Sobre isso, Kidner afirma:

A promessa de um filho domina os capítulos 12 a 20 por sua angustiante demora, enquanto Abrão a põe em risco, ora por falta de fibra, ora por falha na esperança, sustentando-a, porém, pela fé.<sup>5</sup>

Abrão tinha 86 anos quando Ismael nasceu de Hagar, serva de Sarai. Quando Abrão tinha 99 anos, o Senhor lhe apareceu, reafirmou a promessa de um filho e de bênçãos e acrescentou a circuncisão como sinal de seu relacionamento de aliança (cf. Gn 17.9-14). Deus também mudou o nome de Abrão e Sarai para Abraão e Sara. Abraão riu da promessa de que teria outro filho. Pouco tempo depois, o Senhor lhe apareceu novamente e anunciou mais uma vez o filho prometido. Nessa ocasião Sara riu de incredulidade. Abraão tinha 100 anos e sua esposa 90 anos quando então o Senhor, cumpriu o que tinha prometido (cf. Gn 21.1). O filho enfim nasceu e recebeu o nome de Isaque.

Sobre o período pós-nascimento de Isaque, Kidner destaca:

Depois do nascimento de Isaque, o interesse se centraliza na tênue linha de sucessão da promessa. Finalmente a narrativa se move em direção à fase posterior dos patriarcas, quando Deus conduz a família ao Egito e revela os princípios dos destinos tribais. Agora, o lugar de Israel entre as nações que

<sup>4</sup> Documentos dos séculos XV e XIV a.C. que provêm de uma sociedade hurrita situada a alguma distância ao leste da suposta terra natal dos patriarcas em Aram-Naaraim . Tábua I: 1K. p.14.

<sup>5</sup> KIDNER, Derek. **Gênesis**: introdução e comentário. Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2001, p.105.

serão suas vizinhas no transcorrer de todo o Velho Testamento, e sua vocação e perspectiva singular, já foram estabelecidos com clareza<sup>6</sup>.

A primogenitura está intrinsicamente ligada ao cumprimento da promessaaliança que Deus faz com seu povo. Dentro do contexto judaico o descendente recebe do pai a benção para a posteridade. Brueggemann destaca um ponto importante desse aspecto:

Anteriormente (Gn 12. 1 – 3; 15. 1 – 6), prometera-se um filho a Abraão e Sara, mas agora eles são velhos e passaram-se os anos em que eles podiam gerar filhos. Eles não têm herdeiro, nem perspectiva de um. Sem filho e herdeiro, não haverá para essa família o recebimento futuro da terra prometida. As circunstancias desesperadoras de Abraão e Sara são claras na narrativa<sup>7</sup>.

O decorrer e a tensão mostrada na narrativa corroboram sobre a importância da primogenitura e do herdeiro no cumprimento da promessa.

## 1.1. O PROTOEVANGELHO

A Bíblia de Estudo da Reforma, versão Almeida Revista e Atualizada traz em Genesis 3.15: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.<sup>8</sup>

O texto começa com o conflito entre a mulher e a serpente. Em seguida ele se move para o conflito entre o descendente da mulher e o descendente da serpente. Mas de forma surpreendente, conclui com o conflito entre o descendente da mulher e a própria serpente. Esta claro que este versículo não é simplesmente sobre a origem da inimizade ente os humanos e as cobras, mas relata um conflito que irá culminar na derrota da serpente pelo Descendente da mulher. Isso aponta para Cristo e para a derrota de Satanás na cruz, razão pela qual este versículo é frequentemente chamado de “protoevangelho”, isto é, a primeira promessa do evangelho. A respeito disso, Kidner argumenta:

O Novo Testamento dá boa argumentação para ver-se aqui o *protoevangelium*, o primeiro vislumbre do Evangelho. O notável é que faz sua estreia em termos de uma sentença passado ao inimigo, não de uma

<sup>6</sup> KIDNER, 2001, p.105.

<sup>7</sup> BRUEGGEMAN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: Testemunho, disputa e defesa.** Tradução de Jonathan L. Hack. São Paulo: Paulus, 2014, p.241.

<sup>8</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. Versão Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p.21.

direta promessa ao homem, pois a redenção tem que ver com o governo de Deus bem como com a necessidade do homem.<sup>9</sup>

A perspectiva de uma promessa redentora, traduzida da esperança contida na palavra do próprio Deus ao anunciar ou prenunciar o evangelho salvífico se anuncia no meio do caos ocasionado pela queda do homem. Acerca disso, Kaiser Jr afirma:

No meio do canto fúnebre de pesar e repreensão, no entanto, surgiu a palavra surpreendente de esperança profética da parte de Deus. Uma hostilidade divinamente instigada (“porei inimizado”) entre a pessoa da serpente e a mulher, entre a “descendência” daquela e o “descendente” desta, tendo como ponto culminante o surgimento triunfante de um “Ele” – sem dúvida um homem representativo dos descendentes da mulher. Ele desferiria um golpe mortal na cabeça de Satanás, enquanto o máximo que a serpente poderia fazer, ou mesmo seria permitida a fazer, seria dar uma mordida no calcanhar deste descendente masculino.<sup>10</sup>

Intérpretes cristãos têm tradicionalmente entendido esse versículo como uma profecia a respeito de Cristo, a semente de Abraão e o ápice da semente da mulher (cf. Gl 3.16; 4.4). O ferimento do calcanhar é uma referência ao sofrimento do servo de Deus (cf. Is 53); enquanto o ferimento na cabeça da serpente é um golpe mais definitivo, cumprido em última instância na morte de Cristo, sua ressurreição e vitória final sobre Satanás. Satanás que é elucidado pelo vulto da serpente, de acordo com Kidner afirmando:

A perspectiva de luta, sofrimento e triunfo humano é evidente, mas somente o Novo Testamento desmascarará o vulto de Satanás por trás da serpente (Rm16.20; Ap 12.9; 20.2) e mostrará quão significativa foi a transferência de Adão para a mulher e a sua semente (cf. Mt 1.23; Gl 4.4; 1Tm 2.15).<sup>11</sup>

O resultado da queda do homem foi catastrófico trazendo-lhe graves consequências: Culminou no banimento da presença imediata do Senhor. Essa interferência no propósito divino abre a necessidade de uma concessão da parte de Deus para que, novamente, o homem recupere a comunhão com Ele. Esta é a aliança feita por Deus com o homem. Trata-se da aliança adâmica, posteriormente ampliada para a aliança abramica em termos soteriológicos, e sobre isso, Merrill afirma:

---

<sup>9</sup> KIDNER, 2001, p.66.

<sup>10</sup> KAISER JR, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984, p.81.

<sup>11</sup> KIDNER, 2001, p.66.

Contudo, a intromissão do pecado e da Queda interferiu na intenção divina, por isso, a aliança, agora, precisa fazer concessões para o afastamento do homem de Deus e fornecer os meios para a restauração dos propósitos originais dele. Isso encontra expressão no chamado de Abraão, um homem solitário que geraria uma nação que herdaria uma terra, que multiplicaria em número e seria instrumento de benção para toda a terra. Em Abraão, vemos a nascente de uma linha de descendentes que, com o tempo, seria o meio de Deus para restabelecer as perfeições congruentes com o caráter e as expectativas do Senhor.<sup>12</sup>

A separação da humanidade de seu Criador por causa do pecado e da queda foi um dano tão irreparável que apenas uma atitude da parte de Deus poderia repará-lo. A iniciativa de Deus para a restauração humana se dá por meio da aliança. Esse principio é tão forte que muitos teólogos o veem como central para a Teologia do Antigo Testamento. A aliança com Abraão e sua descendência revelou os meios pelos quais isso seria realizado. Sobre isso Merrill afirma que:

A aliança era, em todos os aspectos, uma concessão real, uma dádiva concedida pelo grande Rei a um individuo que escolhera pela liberalidade/generosidade de sua graça.<sup>13</sup>

A partir então do protoevangelho Deus começa a revelar o pressuposto da salvação em Cristo Jesus. Com sua iniciativa de reconciliação, o próprio Deus criador se revela agora também como redentor de toda a humanidade.

## 1.2. O PACTO COM O TOLEDOT ABRAÃMICO

A palavra hebraica תולדות (*toledot* - gerações)<sup>14</sup> significa gerações ou genealogias e aponta para as gerações de Abraão, Isaque e Jacó. Sobre a importância da descendência Abrâmica e sua semente, Kaiser afirma que:

Quando Javé apareceu a Abraão depois de este patriarca ter chegado em Siquém, aquela antiga palavra com respeito a um “descendente” foi rerepresentada e dirigida, desta vez, a Abraão. A partir de então a importância desta dádiva de um filho que herdaria as promessas e as bênçãos veio a ser um dos temas mais dominantes da narrativa patriarcal.<sup>15</sup>

<sup>12</sup> MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p.249-250.

<sup>13</sup> MERRIL, 2009, p. 243.

<sup>14</sup> SCHÖKEL, Luis A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012, p. 699.

<sup>15</sup> KAISER JR, 1984, p.91.

A promessa feita a Abraão consistia em fazer dele uma grande nação, abençoá-lo e engradecer o seu nome, isto é, dando-lhe uma reputação. Tal promessa estava intimamente ligada a geração de sua semente, ou seja, seu descendente.

O pacto com o Toledot Abraâmico traz a ideia de bênçãos para as gerações a partir de Abraão. O plural da palavra toledot – תולדות (*toledot* - gerações) – denota exatamente esta pluralidade nos descendentes, conferindo assim, benção para todos os descendentes de Abraão.

Assim como também, no advento do seu chamado, Abraão recebe a promessa de que a terra seria para os seus descendentes conforme o significado da palavra que aparece em Gênesis 12.7 – זרע – cujo significado é, de acordo com Holladay<sup>16</sup>, prole, descendentes.

A ideia de uma linha de filhos sucessiva e representativa dos patriarcas estava de acordo com a ideia de “semente” já levantada em Genesis 3.15, a respeito do protoevangelho.

No caso de Abraão e sua descendência, tudo estava baseada na confiança e fé na soberania de Deus, e sobre isso Kaiser, aponta:

Nem sequer o esforço feito por Abraão para conservar esta descendência haveria de contar, pois a vida inteira deste filho (e de cada um que haveria depois dele) era inteiramente uma dádiva uma dádiva da parte de Deus. Quando, portanto, Deus “testou” (*nissah*) a fé de Abraão, pedindo que sacrificasse seu único filho – sim, aquele mesmo de quem dependia a totalidade do plano e da promessa de Deus – ele não colocou objeções.<sup>17</sup>

Isaque então sobrevive mediante intervenção de Deus, e a promessa dada a seu pai Abraão lhe é transmitida como visto em Genesis 26.3-5:

[...] e serei contigo e te abençoarei; porque a ti e a tua descendência darei todas estas terras e confirmarei o juramento que fiz a Abraão, teu pai. Multiplicarei a tua descendência como as estrelas do céu e lhe darei todas estas terras. Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos, as minhas leis.<sup>18</sup>

<sup>16</sup> HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do antigo testamento**. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 130.

<sup>17</sup> KAISER JR, 1984, p. 92.

<sup>18</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p.57.

O juramento ou promessa feita a Isaque, é a garantia de cumprimento do que fora prometido a Abraão. Este pronunciamento persiste então para a próxima geração dessa família. Igualmente, os obstáculos à promessa desta geração se assemelham ao da geração anterior e sobre isso Brueggemann ressalta:

Contudo, a promessa novamente está ameaçada, pois a próxima mãe em Israel, Rebeca, é estéril como Sara. Somente pela benção de Deus nascem os filhos Esaú e Jacó. Jacó prevalece sobre seu irmão por meio de trapaças, pois a integridade moral não é uma condição da promessa. Jacó, agora na mesma linha das gerações, recebe a promessa.<sup>19</sup>

A transmissão da promessa para as gerações posteriores segue sob a intervenção da ação de Deus. Jacó recebe a mesma promessa, ou o cumprimento da promessa feita a seus pais Abraão e Isaque (cf. Gn 28.13-15). Sobre o conteúdo dessa promessa, Brueggemann afirma que:

A promessa é a mesma, com variações no linguajar: terra, companhia (“Eu estou contigo”) e benção para as nações. A promessa é dada “até cumprir eu aquilo que te hei referido”. Mais uma vez, a promessa é transmitida seguramente à próxima geração; mais outra geração que virá somente graças ao poder de Javé.<sup>20</sup>

A transmissão da mensagem pelas gerações de Abraão é urgente e claro, de forma que esse juramento solene de Deus é o que dá a Israel poder para sobreviver e prosperar em circunstâncias difíceis e debilitantes. É concreto e específico. No que tange a essa transmissão, depois de Jacó, a narrativa de Gênesis não relata a promessa sendo dada a José, porque este aparece em outro gênero literário. Para os filhos de José, explica Brueggemann:

Para os filhos de José, Efraim e Manassés, dá-se de fato uma benção (Gn 48.13-14, 20). A narrativa nos surpreende, porque nos versos 15-16, no meio das referências a seus netos, Jacó “abençoou a José”. Jacó abençoou, concedeu força vital, e instruiu José a abençoar “estes rapazes” (v.16). Aqui a benção novamente olha retrospectivamente aos patriarcas Abraão e Isaque. Também olha para o futuro vê uma “multidão” na terra (v.16).<sup>21</sup>

O pacto abramico compreendia a promessa de ser benção por uma tradição herdada, onde todos os filhos de Abraão e ele, seriam benção para as nações, como se encontra no texto bíblico em Genesis 12.2,3:

<sup>19</sup> BRUEGGEMAN, 2014, p.242.

<sup>20</sup> BRUEGGEMAN, 2014, p.242.

<sup>21</sup> BRUEGGEMAN, 2014, p.242.

Farei de você uma grande nação, o abençoarei e o tornarei famoso, e você será uma bênção para outros. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem. Por meio de você, todas as famílias da terra serão abençoadas.<sup>22</sup>

Kaiser sobre isso defende em Abraão há um elemento marcante, a sucessão da aliança:

O terceiro elemento na promessa, da qual era o clímax, era que Abraão, e cada filho sucessivo da promessa, teria de ser a fonte de bênçãos; de fato, seriam a pedra de toque da bênção para todos os outros povos. Todas as nações da terra seriam abençoadas por eles, porque cada um deles era mediador de vida para as nações.<sup>23</sup>

A abrangência e alcance da promessa e das bênçãos da promessa feita a Abraão fazem parte do plano de Deus para redenção da humanidade em termos de sucessão. Sobre isso, Landon Jones afirma:

Com o chamado de Abraão, Javé propôs um “plano” por meio do qual sua vontade se estenderia até os confins da terra. A leitura do livro de Genesis mostra claramente o propósito de Deus de estender suas promessas às gerações subsequentes a Abraão.<sup>24</sup>

A aliança feita por Deus com Abraão era incondicional, isto é, não havia nenhuma condição prévia estabelecida por Deus para que esta promessa fosse posta em prática.

Segundo Landon Jones, esta é uma aliança promissória pois é caracterizada por algo específico que Deus promete conceder<sup>25</sup>.

A concessão da terra, isto é, da promessa aos descendentes de Abraão e a prospera multiplicação dos seus, encontramos em Genesis 15. 18 – 21, onde mais uma vez encontramos a palavra אֲרָצָה referindo-se aos seus descendentes. Ainda sobre o texto supracitado, várias regiões citadas, são hoje de domínio árabe.

### 1.3 A ESCOLHA DE UMA NAÇÃO

A aliança proposta por Deus tem como prioridade resolver os problemas dentro da criação. Abraão é chamado pra resolver o problema do mundo todo.

<sup>22</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p. 44.

<sup>23</sup> KAISER JR, 1984, p. 94.

<sup>24</sup> JONES, Landon. **O Deus de Israel: na teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2015, p.176.

<sup>25</sup> JONES, 2015, p.175.

Mantendo-se firme por meio da aliança, Israel seria o meio pelo qual Deus traria justiça e salvação até os confins da terra.

Sobre a escolha de uma nação ou a criação dessa nação contida na promessa que abrange um povo especial, Eugene Merrill afirma que:

Junto com muitas promessas feitas para os patriarcas pelo Senhor, estava a de que gerariam nações, e uma nação, em particular, que se tornaria o critério de benção para todas as nações que a abençoassem (cf. Gn 12.2,3; 18.18).<sup>26</sup>

A ideia clara de uma nação não fazia parte do ambiente da família de Jacó, talvez fizesse mais sentido para Moisés e os israelitas em Moabe. A família de Jacó entrara no Egito mais de 450 anos antes e emergiu como povo da escravidão egípcia – embora ainda não fosse uma nação – era grande em número e em recursos. A respeito disso, Merrill afirma que:

Além da sugestão, na aliança patriarcal, de qualidade de Estado e de realza permanentes, Jacó, em sua benção final para os filhos, escolheu um deles, Judá, de forma especial, predizendo que Judá, como um leão, dominaria seus inimigos, e seus irmãos, talvez como consequência disso, o louvariam<sup>27</sup>.

Para que se torne uma nação, outra parte da promessa precisaria ser cumprida para Israel, promessa esta que esta na derivação do segundo verbo no pronunciamento de Yahweh para Abraão, o verbo dar. Sobre isso, Brueggemann atesta:

Javé dará, não apenas aos ancestrais mencionados, nem as nações, mas a todo o povo de Israel. E o que Javé prometeu para Israel foi terra. É plausível imaginar que essa promessa foi primeiramente ouvida, recebida e esperada pelos *sem-terra*, para quem o dom da terra é uma antecipação essencial de toda a vida.<sup>28</sup>

A aliança que Deus faz com o povo de Israel para torna-lo uma nação no contexto abramico, apresenta um diferencial em relação às outras alianças antes realizadas. Jones analisa da seguinte maneira:

---

<sup>26</sup> MERRIL, 2009, p.251.

<sup>27</sup> MERRIL, 2009, p.251

<sup>28</sup> BRUEGGEMAN, 2014, p.244.

A aliança que Deus estabeleceu com Israel pode ser comparada, pelo menos em parte, aos tratados de vassalagem encontrados nos registros literários do Oriente Médio Antigo. Um dos elementos que diferencia a aliança sinaítica das demais alianças é sua condicionalidade explícita.<sup>29</sup>

Para Brueggemann, o diferencial está pressuposto na aliança sináitica e é condicional. O texto de Êxodo 19.5,6 expressa claramente a natureza condicional da aliança:

Agora, se me obedecerem e cumprirem minha aliança, serão meu tesouro especial dentre todos os povos da terra, pois toda a terra me pertence. Serão meu reino de sacerdotes, minha nação santa. Essa é a mensagem que você deve transmitir ao povo de Israel.<sup>30</sup>

Quanto à reivindicação de nação escolhida por Deus, pauta importante da religião judaica, baseada na afirmativa de Deus para Moisés na sarça ardente. É importante salientar que, a palavra “povo” tem conotações muito mais amplas, uma vez que:

Ser chamado “povo” significava que era um grupo social étnico com força numérica e unidade suficiente para ser considerado uma totalidade corporativa. Era, no entanto, tão intimamente vinculada a Javé que Ele o chamou de “Meu povo”.<sup>31</sup>

Este é o testemunho de Deus; ao chamar o povo de Israel de “Meu povo”, trouxe a convicção a estes de que se importava tanto com esse povo que queria que eles vivessem em uma terra segura. Este também é um elemento crucial no discernimento de Yahweh como um Deus comprometido com a materialidade saudável da existência humana.

O aspecto abençoador da promessa para a nação de Israel constitui um dos principais elementos da aliança abrahâmica. O senhor abençoaria todas as nações que os abençoasse e amaldiçoaria todos os que os amaldiçoassem. Ainda, por sua vez, todas as nações da terra seriam abençoadas por intermédio da descendência de Abraão (cf. Gn 12.3). Um exemplo disso fica claro com o que aconteceu no Egito no tempo de Jacó e de José, por isso é importante reforçar o conceito de nação israelita, que de acordo com Eugene Merrill é:

A descendência real da tribo de Judá continuará ininterrupta até que, por fim apareça uma cisão em sua linhagem, cuja reivindicação ao poder será final,

<sup>29</sup> JONES, 2015. p. 177.

<sup>30</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p.151.

<sup>31</sup> KAISER JR, 1984, p.108.

plena e indiscutível. Todas as nações reconhecerão sua realeza e se submeterão a ela. A teologia judaica e a cristã concordam que a promessa, aqui, inclui cumprimento em Davi, mas que Davi não exaure a promessa.<sup>32</sup>

Contudo, a dimensão e profundidade do alcance da promessa tem um alcance muito maior e ultrapassa as realizações de Davi, por maiores que elas tenham sido. Ainda falta algo, depois de Davi, para que de fato a promessa contemple toda sua abrangência revelada no pacto que Yahweh fizera com seu povo, inicialmente com Abraão e perpassando por suas gerações posteriores. Entra em cena então o fator escatológico e cristológico da promessa. Daí então a afirmação de Merrill de que:

[...] o texto deve ter uma dimensão escatológica, dimensão esta estendida pela interpretação cristã como messiânica, especialmente como Cristológica. É Jesus, filho de Davi, que, no fim dos tempos, satisfará todas as exigências da passagem.<sup>33</sup>

A partir desta temática é possível afirmar que permanece a verdade absoluta de que por intermédio do povo escolhido de Deus, todas as nações da terra serão abençoadas.

O Senhor, que é sempre verdadeiro e fiel à sua aliança e a benção da aliança, trabalhou em favor de seu povo, para que eles fossem prósperos, férteis e numerosos. O povo de Israel se tornara nação pois em meio às promessas espirituais, também seria um povo governado e administrado por homens, reis e governo. Nesse meandro, um dos principais pilares da promessa – *todas as nações da Terra seriam abençoadas por intermédio da descendência de Abraão* – fica muito claro com o que aconteceu no Egito, como pode ser lido em Gênesis 39.5:

A partir do dia em que José foi encarregado de toda a casa e de todas as propriedades de Potifar, o Senhor começou a abençoar a casa do egípcio por causa de José. Tudo corria bem na casa, e as plantações e os animais prosperavam.<sup>34</sup>

---

<sup>32</sup> MERRIL, 2009, p. 252.

<sup>33</sup> MERRIL, 2009, p.252.

<sup>34</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p.95.

As implicações espirituais da promessa se espalhariam por todo mundo. Pela fé todas as famílias da terra poderiam participar da aliança que Deus fez com Abraão. A benção se espalhou pelo mundo inteiro por meio de Abraão, de Israel, das alianças, dos profetas, das Escrituras e do Messias. O Novo Testamento assegura a perpetuação da promessa, em Romanos 9.4-5, Paulo defende o recebimento da promessa pelo povo de Israel. Ele diz que:

Eles são o povo de Israel, escolhidos para serem filhos adotivos de Deus. Ele lhes revelou sua Glória, fez uma aliança com eles e lhes deu sua lei e o privilégio de adorá-lo e receber suas promessas. Do povo de Israel vêm os patriarcas, e o próprio Cristo, quanto a sua natureza humana, era Israelita. E Ele é Deus, aquele que governa sobre todas as coisas e é digno de louvor eterno! Amém<sup>35</sup>.

E a abrangência da promessa e sua extensão a todos os povos por todas as gerações ficam claros quanto à natureza da participação do indivíduo, a fé. Em Gálatas 3.8-9, escrevendo sobre o mesmo tema também aos Gálatas, o apóstolo Paulo declara:

As Escrituras previram esse tempo em que Deus declararia os gentios justos por meio da fé. Ele anunciou essas boas-novas a Abraão há muito tempo, quando disse: “todas as nações da terra serão abençoadas por seu intermédio”. Portanto, todos os que creem participam da mesma benção que Abraão recebeu por crer.<sup>36</sup>

Ao prometer o descendente que redimiria a humanidade, Deus inicia seu propósito de redenção da humanidade. O chamado de Abraão, a promessa a sua descendência e a garantia de que toda sua semente seria próspera, traz em si a garantia da universalidade da salvação. Incluídos nesta universalidade, estão os descendentes de Ismael, filho de Abraão com Hagar.

Aliada a promessa de salvação, pesa-se o fato de o próprio Yahweh garantir também o aumento do número dos descendentes de Ismael, isto é, os povos árabes.

A narrativa bíblica, registrada em Genesis 16 relata esta promessa feita à serva egípcia Hagar.

Ao analisar estes aspectos da narrativa bíblica, percebe-se a correlação de semelhança em uma questão fundamental nas promessas feitas por Deus a Abraão, a Ismael e Hagar e aos demais patriarcas. É possível estabelecer um link antropomórfico nestes acontecimentos, onde o próprio Deus (o anjo do Senhor) aparece garantido a provisão e também o cumprimento da promessa.

<sup>35</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p. 1843.

<sup>36</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p. 1916.

Em Genesis 21, a narrativa bíblica traz o sofrimento de Hagar no deserto e seu desespero diante da iminente morte do seu filho. Apropriando-se de tipologias bíblicas que simbolizam a salvação, o Anjo do Senhor reafirma a promessa de que os descendentes de Ismael seriam uma grande nação (conf. Gn. 21.18) e também prove a salvação ao menino, como se lê em Genesis 21.19:

*Então Deus abriu os olhos de Hagar, e ela viu um poço cheio de água. Sem demora, encheu a vasilha de água e deu para o menino beber.<sup>37</sup>*

Assim como encontramos no relato do Novo Testamento, no encontro de Jesus com a mulher de Samaria, a água como símbolo da salvação, isto é, Jesus provendo a salvação em se apresentando com a água da vida (conf. Jo 4.14), pode-se inferir a provisão da salvação para Ismael quando o Anjo do Senhor provê a água para que ele beba.

O ápice da narrativa encontra-se no verso 20 do capítulo 21 da narrativa de Genesis: *O Senhor estava com o menino enquanto ele crescia no deserto.*

---

<sup>37</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT.

## 2. POSIÇÕES SOBRE A SALVAÇÃO DOS ISMAELITAS

A história dos ismaelitas, isto é, os descendentes de Ismael começa com uma serva egípcia chamada Hagar, sua mãe, que servia a Sarai, esposa de Abraão.

Depois de dez anos em Canaã sem ter filhos, Sara resolveu seguir os costumes dos Mesopotâmios e dar Hagar a Abraão como sua concubina; qualquer filho nascido da união entre marido e concubina era considerado filho da esposa. Hagar então deu a luz a um menino, Ismael (cf. Gn 16.1-5; 21.9-21). Sobre isso, a Bíblia NVT traz o seguinte comentário:

Abraão e Sarai enfrentaram a tensão da esterilidade e do avanço da idade. Por costume uma mulher estéril podia dar ao marido uma serva como mulher-escrava; o filho nascido dessa união era considerado filho da esposa e adotado como herdeiro. A sugestão de Sarai, lícita sob o prisma do costume, punha em ação um plano humano problemático. As promessas de Deus seriam cumpridas pela fé.<sup>38</sup>

Durante sua gravidez, Hagar desrespeitou Sara de tal modo, que esta a tratou com tanta aspereza a ponto de Hagar fugir para o deserto. Um anjo do Senhor apareceu a Hagar perto de um poço no deserto e a orientou a volta para a casa de Abraão e se sujeitar a Sara.

Ismael nasceu quando Abraão tinha 86 anos. Aos 13 anos, Ismael foi circuncidado como testemunho da aliança de Deus com Abraão. Quando Deus anuncia que Sara teria um filho para cumprir a promessa, Abraão pediu a Deus que aceitasse Ismael (cf. Gn. 17.17-18). Embora Ismael não fosse o filho prometido, ainda assim Deus o abençoou e o tornou pai de uma grande nação (cf. Gn. 17.20-21). Sobre isso, a Bíblia de Estudo NVT comenta:

O filho de Hagar se tornaria pai de uma grande nação, que seria selvagem e hostil e viveria no deserto árabe como inimiga permanente de Israel (cf. Gn 25.18). Deus abençoou Ismael como descendente de Abraão, mas não como a linhagem escolhida para o cumprimento da aliança. Esta bênção estava reservada para o herdeiro escolhido de Abraão.<sup>39</sup>

O cuidado de Abraão para com Hagar revela sua preocupação do ponto de vista das instituições sociais. Samuel Schultz explica como a questão social faz parte do plano redentor na vida de Ismael, como pode ser observado abaixo:

---

<sup>38</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p.53.

<sup>39</sup> BIBLIA DE ESTUDO NVT, 2018, p.53.

O relacionamento de Hagar com Abraão e Sara tipifica os costumes que prevaleciam na Mesopotâmia. A preocupação de Abraão pelo bem estar de Hagar também pode ser explicado pelo fato que, legalmente, uma criada que desse um filho a um homem não podia ser vendida como escrava.<sup>40</sup>

Catorze anos após o nascimento de Ismael, Deus deu a Abraão e Sara o seu filho prometido, Isaque. Tradicionalmente, quando Isaque completou 3 anos e foi desmamado, a família deu uma festa. Nesta ocasião Ismael zombou de Isaque (cf. Gn. 21.9), fato que levou Sara a insistir com Abraão que os mandassem embora. Após Deus confirmar essa decisão, assim o fez Abraão.

Com apenas algumas provisões<sup>41</sup>, Hagar e Ismael foram viver no deserto e, com ajuda do Anjo de Deus conseguiram sobreviver. Ismael se tornou caçador de animais selvagens, estabeleceu-se no deserto de Parã e se casou com uma mulher egípcia (cf. Gn. 21.20-21). Ainda participou do sepultamento de Abraão (cf. Gn 25.9-10) e morreu aos 137 anos (cf. Gn. 25.17).

Vale ressaltar, porém, a providência divina e a graça de Deus materializada no poço e na provisão de água para Hagar e Ismael. No momento de fragilidade e sem esperança no deserto, o Senhor proveu água e conseqüentemente uma nova vida a Ismael. A partir de então ele pôde usufruir do cumprimento da promessa de se expandir étnica e economicamente.

A narrativa bíblica vai esvaziando a história de Ismael, principalmente no que diz respeito à confirmação/cumprimento da promessa de salvação, entretanto não o impediu de ser abençoado por Deus. A compreensão disso fica clara no comentário de Kidner:

Para a mente de Hagar, faltando a perquiridora fé característica de Abrão, a promessa bem poderia oferecer-lhe tudo o que ela podia desejar, conquanto não dissesse nada sobre benção para o mundo ou sobre terra prometida. Bastava-lhe que Ismael se multiplicasse, e que não estivesse sob as ordens de ninguém. Em certa medida, este filho de Abrão seria uma sombra, quase uma caricatura de seu pai, sendo os seus doze príncipes notáveis em seu tempo (cf. Gn. 17.20; 25.13), não porém na historia da salvação; sua existência inquieta não sendo peregrinação, mas, sim, um fim em si mesmo; seu inconformismo sendo um hábito mental, e não uma luz para as nações.<sup>42</sup>

A benção de Deus também estava sobre Ismael conforme registra Genesis 17.20 na promessa de que ele seria pai de 12 príncipes e que Deus faria dele uma

<sup>40</sup> SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento**. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 32.

<sup>41</sup> De acordo com Genesis 21.14, Abraão preparou alguns mantimentos e uma vasilha com água e, após colocar sobre os ombros de Hagar, a mandou embora com seu filho e os dois andaram sem rumo pelo deserto.

<sup>42</sup> KIDNER, 2001, p.118.

grande nação. Contudo, há de se admitir que haja um sumiço desses 12 príncipes da narrativa bíblica, juntamente com o esvaziamento da história de Ismael. Isso pode ser explicado porque os redatores sacerdotais – fonte P – deram mais atenção as tribos israelitas, em detrimento das tribos Ismaelitas. Sobre isso, Gottwald afirma:

A analogia mais explícita é aquela dos “doze príncipes ismaelitas segundo as suas tribos”. Estas doze tribos não são, entretanto, descritas como formando uma confederação para fins culturais ou, de fato, para quaisquer fins. É possível que o emprego, por P, do termo raro *ummah* para “tribo” ou “povo” com alusão a ismaelitas tanto aqui como em Nm 25.15, guarde uma antiga recordação da organização social destes povos. Todavia, o emprego de *nasi* para o “príncipe” ou “chefe” tribal é o termo geral e problemático por nós analisado acima e não inspira confiança quanto à sua precisão. A rubrica a respeito dos “doze príncipes” não deve ser outra coisa senão a observação superficial do redator P, motivada pelo esquema das doze tribos de Israel, que ele impingiu às unidades ismaelitas.<sup>43</sup>

A narrativa bíblica de Genesis apresenta genealogias árabes que foram abençoadas, e estas intrinsicamente ligadas à promessa recebida por Abraão, a saber: os descendentes de Naor, irmão de Abraão (cf. Gn 22.20-24) e os descendentes de Quetura, concubina e uma das mulheres de Abraão (cf. Gn. 25.1-4).

Correlacionando a universalidade da salvação com os pressupostos da eleição de Israel, traduzindo-os como realidades sociorreligiosas, Gottwald afirma:

Podemos ver suficientemente bem a verdade na reivindicação: Israel sozinho, no antigo Oriente Próximo, ou ao menos até um grau tal e com tal autoconsciência, consolidou uma vida social, econômica e política igualitária autônoma dentre grupos heterogêneos em luta, que conseguiu prosperar durante dois séculos. Esta situação social objetiva que cerca a origem do jlavismo significa que as noções do povo eleito e de eleição divina não eram meramente um exemplo particularmente excessivo de arrogância nacional. O “excesso” da reivindicação religiosa Israelita corresponde ao “excesso” do rompimento objetivo israelita com a organização social circundante.<sup>44</sup>

Percebe-se ainda, que a eleição de Israel torna-se um enigma teológico difícil de explicar usando a vontade arbitrária de Deus quando as condições sociais de vida tornaram-se diferentes das condições do Israel primitivo. Acerca disso Gottwald declara:

<sup>43</sup> GOTTWALD, Norman K. **As tribos de lahweh**. 2 ed. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2004, p. 361-362.

<sup>44</sup> GOTTWALD, 2004, p. 703.

Expresso de outro modo, a eleição divina só podia ser um problema quando a realidade verdadeira da libertação e retribalização social-sistemática total no antigo Israel havia acabado. Quando Israel já não era Israel no seu sentido anterior, começou a perder a capacidade de perceber a totalidade envolvida na unidade de vida libertada e do culto a lahweh. Aquilo que fora uma função integral da vida social tornara-se um produto alienado incompatível com os contextos sociais mais recentes. lahweh tornou-se um mistério, “sua” escolha de Israel arbitrária, de maneira que somente o voluntarioso amor divino para com Israel poderia explicar a origem e a persistência, aliás inexplicáveis, desta tradição javista.<sup>45</sup>

A união social e religiosa de praxe e de ideologia tornou-se então um enigma intelectual e teológico referente à eleição de Israel.

## 2.1. A INFLUÊNCIA DA TEOLOGIA PRÉ-MILENISTA DISPENSACIONALISTA

Escatologia é a divisão da Teologia Sistemática que estuda as profecias bíblicas sobre o futuro. É por isso que a escatologia é mais bem definida como sendo “a doutrina das últimas coisas”. Com certeza a escatologia bíblica é a área da teologia que desperta mais curiosidade entre cristãos, e que possui a maior variedade de interpretações.

Existem basicamente quatro correntes de interpretação escatológica, a saber: Pré-Milenismo Histórico; Pré-Milenismo Dispensacionalista; Amilenismo e Pós-Milenismo.

Sobre o dispensacionalismo, Ronald Ranko o define da seguinte maneira:

O nome dispensacionalismo vem do fato que a teoria divide a história em diferentes “dispensações” em cada uma das quais Deus tem uma relação actual diferente com os homens, que termina com a falha deles em cumprir os requerimentos de Deus. Estamos agora, de acordo com o dispensacionalismo clássico de Darby, na “era da igreja”, ou dispensação da graça, com somente mais uma dispensação por vir, a saber, a dispensação do reino.<sup>46</sup>

O método dispensacionalista, influencia erroneamente o pensamento da exclusividade da salvação ao povo de Israel, ao separar Israel e a Igreja. Sobre isso, Ranko afirma:

O resultado deste método é que todo o Antigo Testamento e algumas partes do Novo Testamento são aplicados aos judeus e nos é dito não haver nenhuma aplicação aos cristãos do Novo Testamento, exceto talvez como

<sup>45</sup> GOTTWALD, 2004, p. 703.

<sup>46</sup> RANKO, Ronald. **Doctrine according to Godliness**. Tradução de Filipe Sabino Neto. Michigan: Reformed Free Publishing Association, 2001, p. 299-300. Disponível em [http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros\\_hanko.pdf](http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros_hanko.pdf). Acesso em 10.10.2019.

um objeto de curiosidade. As notas da Bíblia de Estudo Scofield ensinam, por exemplo, que o Sermão do Monte não é cristão, mas judeu.<sup>47</sup>

Contra essa afirmação o autor continua:

Contra isso, a Escritura ensina que toda Escritura é proveitosa (e aplicável) aos cristãos do Novo Testamento (Jo 10.35; IITm 3.16, 17). Porque o dispensacionalismo nega isto, ele tem sido acusado de dividir erroneamente a Palavra da verdade, embora alegue o oposto.<sup>48</sup>

Ainda sobre a separação Israel e Igreja proposta no método dispensacionalista e baseado nas anotações da Bíblia de Scofield, Charles C. Ryrie<sup>49</sup> afirma que *“a essência do dispensacionalismo é a distinção entre Israel e a Igreja”*.

Baseado nessa ênfase encontramos a seguinte afirmação:

Que o cristão herda agora as promessas características dos judeus não foi ensinado nas Escrituras. O cristão é da semente celestial de Abraão e participa das bênçãos espirituais da Aliança Abrâmica; mas Israel como nação sempre terá o seu próprio lugar e ainda receberá maior exaltação como povo de Deus na terra.<sup>50</sup>

Estas afirmações configuram algumas implicações teológicas. Além de demonstrar uma Cristologia fraca, implicam também na soteriologia tornando este aspecto teológico bastante confuso, e sobre isso temos:

A distinção qualitativa entre Israel e a Igreja implicitamente rejeita a doutrina cristão da salvação. Se há dois povos de Deus distintos, como eles podem ter a mesma salvação? É bem verdade que as Escrituras apontam para diferentes maneiras pelas quais a salvação foi administrada. O que foi administrado, todavia, foi uma e a mesma coisa, ou seja, a redenção pelo sangue do cordeiro (cf. Cl 2.16,17; Hb 8-10). Há grande confusão entre o que os dispensacionalistas sustentam – a separação entre Israel e a Igreja – e o que eles negam – a possibilidade de salvação por outro meio que não o sangue do Cordeiro –. Por outro lado, a Bíblia ensina que o povo de Deus é o mesmo em todas as dispensações e que esse povo está consolidado sobre um único fundamento dos apóstolos e profetas, o qual é Cristo (cf. Ef 2.20).<sup>51</sup>

<sup>47</sup> RANKO, 2001, p. 299-300.

<sup>48</sup> RANKO, 2001, p. 299-300.

<sup>49</sup> SANTOS, Valdeci S. **As anotações da Bíblia de Scofield sob uma ótica reformada**. São Paulo: Fides Reformata, v. 5, n.1, 2000 [s. p]. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/03/8-As-Anotacoes-da-Biblia-de-Scofield-sob-uma-Otica-Reformada-Valdeci\\_Santos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/03/8-As-Anotacoes-da-Biblia-de-Scofield-sob-uma-Otica-Reformada-Valdeci_Santos.pdf). Acesso em 10.10.2019.

<sup>50</sup> SANTOS, 2000, p. 2.

<sup>51</sup> SANTOS, 2000 [s. p].

E ainda acrescenta:

No ensino das anotações da Bíblia de Scofield, Israel e a Igreja estão separados não apenas em termos étnicos, mas também quanto ao propósito divino para ambos. Assim, a aliança de Deus com Abraão foi absolutamente incondicional, enquanto que a aliança com a Igreja requer fé. Segundo esse ensino, Israel teve origem na promessa divina a Abraão, mas a Igreja começou no pentecostes devido à recusa dos judeus em aceitar o reino messiânico de Cristo. Israel é uma nação visível, enquanto que a Igreja é individual e invisível. No presente, Israel é um povo em desvantagem, mas será restaurado à terra prometida e obterá o domínio sobre a terra, enquanto que a Igreja que agora cresce será arrebatada aos céus. Logo, Israel e a Igreja também gozam de diferentes destinos de acordo com o esquema dispensacionalista de Scofield.<sup>52</sup>

Uma implicação considerável do erro teológico proposto pelo método dispensacionalista, em relação à soteriologia, é a maneira como o evangelismo e a missão de pregar o evangelho são tratados. Uma vez que há essa clara distinção entre Israel e a Igreja, o cumprimento da missão de levar o evangelho a todas as nações fica comprometido.

Contrariando a proposta do dispensacionalismo, encontramos na própria escritura a universalidade da salvação. Gálatas 3. 27-29 diz:

Porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego, nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher,; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa<sup>53</sup>.

A identidade étnica, social ou de gênero não determina a situação de alguém diante de Deus. Todos os que são batizados em Cristo são um em seu corpo.

Sobre o argumento do versículo supracitado, a Bíblia de Estudo da reforma afirma que:

Gentios crendo em Cristo, que é a semente de Abraão (descendente no singular), tornam-se a semente de Abraão (descendentes no plural) e assim herdeiros da promessa feita a ele.<sup>54</sup>

Seguindo o estilo rabínico, Paulo usa a questão gramatical para explicar uma questão teológica fundamental. Deus fez promessas a Abraão a respeito da descendência dele (semente) significando tanto um único descendente quanto

---

<sup>52</sup> SANTOS, 2000 [s. p].

<sup>53</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p.1993-1994.

<sup>54</sup> BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA, 2017, p.1994.

muitos descendentes (cf. Gl 3.29). Por meio de um único descendente (Cristo), os que creem se tornam a descendência de Abraão.

Ainda refutando a proposta dispensacionalista, Charles Hodge afirma:

É inegável que as profecias antigas, ao predizer os acontecimentos do período messiânico e do futuro reino de Cristo, tomaram por empréstimo sua linguagem e imagem das instituições e dos usos do Velho Testamento. O Messias é às vezes chamado de Davi; sua igreja é chamada de Jerusalém e Sião; seu povo é chamado de Israel; Canaã era a terra de sua herança; a perda do favor divino era expressa com linguagem de que perderam o direito à sua herança, e a restauração do favor divino era denotada por um regresso à terra prometida. Esse uso é tão abrangente que a convicção produzida por ela na mente dos cristãos é indelével. Para eles Sião e Jerusalém são a Igreja e não a cidade feita por mãos. Interpretar tudo o que as antigas profecias dizem de Jerusalém, como uma cidade terrena, e tudo que se diz de Israel, como uma nação judaica, seria descer o céu à terra e transformar o cristianismo no judaísmo corrupto da era apostólica.<sup>55</sup>

A confirmação da indistinção entre judeus e gentios é confirmada pela atuação dos apóstolos de Jesus, que segundo Hodge afirma:

Os apóstolos invariavelmente agiram sobre este princípio. Não reconhecem nenhum futuro para os judeus no qual os cristãos gentílicos sejam participantes. Da mesma forma que os prosélitos dentre os pagãos, sob a antiga dispensação, eram incorporados ao povo judaico e perdia-se toda a distinção entre eles e os que eram judeus de nascença, assim foi sob o evangelho. Judeus e gentios foram unidos em membresia indistinta e indistinguível na mesma Igreja. E assim continua até os dias de hoje; e os dois fluxos, judaico e gentílico, unidos na Igreja Apostólica, tem fluído como um grande rio através de todas as eras. Uma vez que essa foi uma ordenação divina, não se deve crer que eles hão de ser separados no futuro.<sup>56</sup>

Caminhando sob o aspecto da universalidade da salvação em termos étnicos, fica clara a compreensão do que afirma Hodge:

Consequentemente, ensina-se no novo testamento, não em imagem poética, mas didaticamente, em prosa simples, inequívoca, que os crentes são a semente de Abraão; são seus filhos; seus herdeiros; são o genuíno Israel (Cf. Rm 4 e 9 e Gl. 3). Não é a descendência natural que faz alguém ser filho de Abraão. “Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa” (Rm 9.8). O apóstolo assevera que as promessas são feitas não ao Israel *κατὰ σάρκα*, mas ao Israel *κατὰ πνεῦμα*. Diz ele no nome dos crentes: “Somos a circuncisão” (Fl 3.3). “Também sois descendentes de

<sup>55</sup> HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. Tradução de Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 1615.

<sup>56</sup> HODGE, 2001, p. 1616.

Abraão e herdeiros segundo a promessa” (Gl 3.29). A promessa feita a Abraão, de que ele seria o pai de muitas nações, não significa meramente que seus descendentes naturais seriam mui numerosos; mas que todas as nações da terra teriam o direito de chama-lo de pai (Rm 4.17); pois ele é “o pai de todos os que creem, embora não circuncidados” (Rm 4.11). O evangelho ficaria de ponta a cabeça; não só o argumento do apóstolo, mas todo seu sistema entraria em colapso, caso o que a Bíblia diz de Israel seja entendido como se ele falasse dos descendentes naturais de Abraão à exclusão de seus filhos naturais<sup>57</sup>.

Fica explicita a fragilidade do argumento dispensacionalista quanto ao alvo da salvação em Cristo declarado pelas Escrituras sagradas. O ponto de vista dispensacionalista acerca da distinção entre Israel e a Igreja influencia erroneamente a análise do plano salvífico de Deus.

## 2.2. A TEOLOGIA AMILENISTA E PÓS-MILENISTA

Nas interpretações escatológicas, a palavra *milênio* significa “mil anos” e é oriundo do texto de Apocalipse 20.4-5 onde se diz que “viveram e reinaram com Cristo durante mil anos”.

A teologia Amilenista – a mais simples posição sobre o milênio – afirma que o reino de Cristo no milênio não é um reino terreno, físico e sim, um reino celestial. Sobre essa posição, Wayne Grudem declara:

De acordo com essa posição, a presente era da igreja continuará até o tempo da volta de Cristo. Quando Cristo voltar, haverá ressurreição tanto de crentes como de incrédulos. Os crentes terão o corpo ressuscitado e unido novamente com o espírito e entrarão em pleno gozo do céu pra sempre. Os incrédulos serão ressuscitados para enfrentar o julgamento final e a condenação eterna. Os crentes também comparecerão diante do tribunal de Cristo (II Co 5.10), mas esse julgamento irá apenas determinar os graus de recompensa no céu, pois só os incrédulos serão condenados eternamente. Por esse tempo também começarão o novo céu e a nova terra. Imediatamente após o juízo final, o estado eterno terá início e permanecerá para sempre.<sup>58</sup>

A posição pós-milenista, conforme o próprio nome define, Cristo voltará após o *milênio*, posição esta, definida por Grudem da seguinte maneira:

Segundo esse ponto de vista, o avanço do evangelho e o crescimento da igreja se acentuarão de forma gradativa, de tal modo que uma proporção cada vez maior da população mundial se tornará cristã. Como

<sup>57</sup> HODGE, 2001, p.1615-1616.

<sup>58</sup> GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luiz A. T. Sayão e Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 947.

consequência, haverá influências cristãs significativas na sociedade, esta funcionará mais e mais de acordo com os padrões de Deus e gradualmente virá uma “era milenar” de paz e justiça sobre a terra. Esse “milênio” durará um longo período (não necessariamente mil anos literais) e, por fim, ao final desse período, Cristo voltará a terra, crentes e incrédulos serão ressuscitados, ocorrerá o juízo final e haverá um novo céu e uma nova terra. Entraremos então no estado eterno.<sup>59</sup>

Nem sempre é possível fazer distinção entre estas duas posições – amilenismo e pós-milenismo – uma vez que compartilham de características comuns em muitos aspectos e implicações. Acerca dessa característica, Millard Erickson atesta:

O que as duas posições compartilham é a crença de que os “mil anos” de Apocalipse 20 devem ser interpretados simbolicamente. Com frequência ambas também afirmam que o milênio é a era da igreja. No entanto, o pós-milenista, diferentemente do amilenista, defende que o milênio envolve um reinado terreno de Cristo: é nesse ponto que discordam.<sup>60</sup>

Quanto à história do amilenismo, muitos problemas surgem no intuito de trazer luz aos problemas de sua compreensão. Erickson declara sobre isso:

A luz dos problemas surgidos na tentativa de compreender o amilenismo, fica difícil traçar sua história. Alguns historiadores da doutrina encontraram o amilenismo na *Epístola de Barnabé*, mas isso é contestado por outros. Está claro que Agostinho – não importa se classificado como amilenista ou não –, contribuiu para a formulação da posição ao sugerir que a expressão “mil anos” é principalmente simbólica, em vez de literal.<sup>61</sup>

Historicamente, à medida que o pós-milenismo foi perdendo popularidade, o amilenismo foi substituindo-o uma vez que essas posições são bem próximas e concomitantemente apresentam uma diferenciação clara do pré-milenismo.

### 2.3. O QUE DIZ O ALCORÃO?

Teologicamente, o conceito de salvação é o resgate espiritual do pecado e suas consequências. Em especial no cristianismo, está relacionada com a redenção e a expiação de Jesus.

---

<sup>59</sup> GRUDEM, 1999, p. 948.

<sup>60</sup> ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes; Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo Vida Nova, 2015, p. 1156.

<sup>61</sup> ERICKSON, 2015, p. 1156.

A salvação no Islamismo possui um conceito diferente. Sobre esse conceito temos a seguinte colocação:

Embora ofereça libertação do fogo do inferno, também rejeita alguns dos princípios básicos do Cristianismo e afirma claramente que a salvação é alcançada somente por meio da submissão a Deus, o misericordioso.<sup>62</sup>

O Alcorão declara sobre isso:

Que mencionam Deus, estando em pé, sentados ou deitados, e meditam na criação dos céus e da terra, dizendo: Ó Senhor nosso, não criaste isto em vão. Glorificado sejas! Preserva-nos do tormento infernal!<sup>63</sup>

Outro ponto importante acerca do conceito de salvação do Islã, é que essa religião, diferente do Cristianismo, rejeita a doutrina de pecado original.

De acordo com a doutrina cristã, a humanidade é considerada desviada e pecadora. A doutrina do pecado original afirma que a humanidade já nasce contaminada pelo pecado de Adão e, portanto, separada de Deus e precisando de um redentor. O Islã, por outro lado, rejeita totalmente o conceito cristão do pecado original e a noção de que a humanidade nasce em pecado.<sup>64</sup>

Segundo o Islã, cada pessoa nasce pura e naturalmente com inclinação para adorar e louvar a Deus. Contudo, tem o seu livre arbítrio e pode usá-lo, inclusive, para cometer grandes males. E toda vez que essa pessoa peca, ela é responsável pelo seu próprio pecado. O Alcorão afirma que “nenhuma alma arca com o pecado de outra”.<sup>65</sup>

Sobre o primeiro pecado, o Islã declara que Adão e Eva cometeram um erro, se arrependeram e Deus os perdoou. Isso fica explícito no Alcorão:

E ambos comeram (os frutos) da árvore, e suas vergonhas foram-lhes manifestadas, e puseram-se a cobrir os seus corpos com folhas de plantas

<sup>62</sup> STACEY, Aisha. **Salvação no Islã**. Islamreligion. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/3681/salvacao-no-islã-parte-1-de-3/>>. Acesso em 15.10.2019.

<sup>63</sup> Alcorão. Sura 3:191

<sup>64</sup> STACEY, Aisha. **Salvação no Islã**. Islamreligion. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/3681/salvacao-no-islã-parte-1-de-3/>>. Acesso em 15.10.2019

<sup>65</sup> Alcorão. Sura 35.18

do Paraíso. Adão desobedeceu ao seu Senhor e foi seduzido. Mas logo o seu Senhor o elegeu, absolvendo-o e encaminhando-o.<sup>66</sup>

O resgate da perdição, segundo o Alcorão se dá na busca por Deus e no não afastamento dele, tornando-se pecadores. Conforme aferido nos versos seguintes:

E quem cometer uma má ação ou se condenar e, em seguida (arrependido), implorar o perdão de Deus, sem dúvida achá-Lo-á Indulgente, Misericordiosíssimo.<sup>67</sup>

Ó meu povo! Implorai o perdão de vosso Senhor e voltai-vos a Ele, arrependidos, Que vos enviará do céu copiosa chuva e adicionará força à vossa força. Não vos afasteis, tornando-vos pecadores!<sup>68</sup>

O caminho para a salvação mostrado no alcorão é o arrependimento e a busca por Deus (Alá) que segundo o livro, é perdoador.

Além das diferenças acerca dos conceitos de salvação, existem as discrepâncias no entendimento da promessa de Deus a Abraão nas duas religiões. O Islamismo considera Ismael o filho da promessa, e argumenta:

Depois de retornarem para a Palestina, Sara e Abraão continuaram sem filhos, apesar das promessas divinas de que ele teria um filho. O costume da esposa estéril presentear o marido com uma criada para gerar descendência parece ser uma prática comum daquela época[6], e Sara sugeriu a Abraão que ele tomasse Agar como sua concubina. Alguns estudiosos cristãos dizem que de fato ele a tomou como esposa[7]. Qualquer que seja o caso, na tradição judaica e babilônica qualquer descendência nascida de uma concubina seria reivindicada pelo ex-ama da concubina e seria tratada exatamente como uma criança nascida dela[8], inclusive em questões de herança. Enquanto estava na Palestina, Agar deu a ele um filho, Ismael.<sup>69</sup>

A reivindicação da promessa a Ismael não está – segundo o Islamismo – ancorada apenas na tradição islâmica e no Alcorão, mas também na própria bíblia cristã. A justificativa se dá porque Deus promete a Abraão Isaque e também a descendência de Isaque conforme Genesis 17.19, então argumenta-se:

Como Deus prometeu dar a Sara um filho de Abraão e netos daquela criança, não era lógica e praticamente possível para Deus ordenar que

<sup>66</sup> Alcorão. Sura 20.121-122

<sup>67</sup> Alcorão. Sura 4.110

<sup>68</sup> Alcorão. Sura 11.52

<sup>69</sup> IslamReligion. **A história de Abraão:** A doação de Agar e seu sofrimento. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/296/historia-de-abraao-parte-5-de-7/>> Acesso em 19.10.2019

Abraão sacrificasse Isaque, uma vez que Deus não quebra Sua promessa e nem é o “autor de confusão”.<sup>70</sup>

A tradição Islâmica ainda refuta outros versos da Bíblia onde a promessa de Deus é direcionada para Isaque, como no capítulo 22 de Genesis.

Nos versos de Gênesis 22, Deus ordena Abraão sacrificar seu único filho. Todos os estudiosos do Islã, Judaísmo e Cristianismo concordam que Ismael nasceu antes de Isaque. Não faria sentido chamar Isaque de único filho de Abraão. É verdade que os estudiosos judaico-cristãos argumentam com frequência que como Ismael nasceu de uma concubina, não era filho legítimo. Entretanto, já mencionamos antes que de acordo com o próprio Judaísmo era uma ocorrência comum, válida e aceitável esposas estéreis darem concubinas a seus maridos para gerarem descendência, e a criança produzida pela concubina era reivindicada pela esposa do pai[1], desfrutando todos os direitos como se fosse filho da própria esposa, incluindo herança. Além disso, recebiam o dobro da parte das outras crianças, mesmo que fossem “odiadas”.<sup>71</sup>

Em acréscimo a tudo isso é inferido na Bíblia, que a própria Sara considerava um filho nascido de Agar como seu herdeiro de direito. Sabendo que havia sido prometido a Abraão que sua semente encheria a terra entre o Nilo e o Eufrates (Cf. Gn 15:18) de seu próprio corpo (Cf. Gn 15:4), ela ofereceu Agar a Abraão para que ela fosse o meio do cumprimento dessa profecia. Conforme o texto de Genesis 16.2: Sarai disse a Abrão: “O Senhor me impediu de ter filhos. Vá e deite-se com minha serva. Talvez, por meio dela, eu consiga ter uma família”. Abrão aceitou a proposta de Sarai.

O relato islâmico da promessa continua, conferindo a Abraão e a Isaque uma vida de submissão plena a Deus, desencadeando em uma obediência irrestrita, tanto do pai quanto do filho, naquele que seria o maior sacrifício da vida de Abraão; conforme atestam os versos do Alcorão:

E lhe anunciamos o nascimento de uma criança (que seria) dócil. E quando chegou à adolescência, seu pai lhe disse: Ó filho meu, sonhei que te

<sup>70</sup> IslamReligion. **A história de Abraão:** O maior dos sacrifícios. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/296/historia-de-abraao-parte-6-de-7/>> Acesso em 19.10.2019

<sup>71</sup> IslamReligion. **A história de Abraão:** O maior dos sacrifícios. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/296/historia-de-abraao-parte-6-de-7/>> Acesso em 19.10.2019

oferecia em sacrifício; que opinas? Respondeu-lhe: Ó meu pai, faze o que te foi ordenado! Encontrar-me-ás, se Deus quiser, entre os perseverantes! E quando ambos aceitaram o desígnio (de Deus) e (Abraão) preparava (seu filho) para o sacrifício. Então o chamamos: Ó Abraão, Já realizaste a visão! Em verdade, assim recompensamos os benfeitores. Certamente que esta foi a verdadeira prova. E o resgatamos com outro sacrifício importante.

72

É esse epítome de submissão e confiança em Deus que centenas de milhões de muçulmanos reencenam todo ano durante os dias do Hajj, um dia chamado *Yawm-un-Nahr* – O Dia do Sacrifício, ou *Eid-ul-Adhaa* – ou a Celebração do Sacrifício.

O conceito de salvação definido pelo Alcorão vai completamente de encontro à salvação proposta nas Sagradas Escrituras. O argumento de que o coração do homem é inclinado para o bem é amplamente refutado pela Bíblia, tanto nos evangelhos quanto nas cartas paulinas e em torno “drama” narrado nas Escrituras. O conceito de redenção, que também é omitido nos escritos do Alcorão, mostram o quão aquém este escrito está, daquilo que é o plano salvífico de Deus para o homem caído.

---

<sup>72</sup> Alcorão. Sura 37.101-107

### 3. A PROMESSA DE DEUS A ABRAÃO ESTENDIDA A ISMAEL

A promessa de Deus a Abraão foi universalizada a todas as famílias da terra. Em Jesus, todos que creem tornam-se herdeiros das promessas e filhos e filhas de Deus por meio do sacrifício de Jesus.

Dentro desse universo encontram-se os povos árabes, que em muitos casos, seja por preconceitos étnicos, religiosos ou teológicos ficam aquém da força de trabalho cristã missionária.

A missão de Jesus para cada cristão é que estes façam discípulos de todas as nações. Nações estas que estão incluídos os ismaelitas, filhos de Abraão, povo abençoado por Deus desde a sua geração, e que hoje majoritariamente, são professantes da religião islâmica.

#### 3.1 O EVANGELHO PARA OS ÁRABES

Partindo do pressuposto da universalidade da salvação e da extensão da promessa Abrâmica para todos os povos e nações, é de fundamental importância que a missão da igreja seja cumprida despida de preconceitos étnicos, sociais, religiosos ou de quaisquer aspectos.

A tarefa de evangelizar compreende uma comunicação clara, assertiva e compreensível da boa notícia ao ouvinte.

Como então anunciar esta boa notícia a um povo que, quase em sua totalidade professa a fé islâmica? Esta pergunta é, ao mesmo tempo, que excelente e defeituosa. Uma vez que sugere que muçulmanos exijam um evangelho diferente ou algum tipo de técnica especial ou que são de algum modo impermeáveis ao evangelho, de uma maneira diferente de outros pecadores.

O estímulo à pregação aos árabes pode ser resumido por Thabiti Anyabwile:

Cada vez mais, Deus tem se agrado em trazer o mundo muçulmano à nossa porta. A obra de missões e evangelização transcultural nunca foi tão acessível. Com confiança e dependência de Deus e de seu evangelho, podemos até ser a geração que verá o maior avivamento da história entre pessoas muçulmanas.<sup>73</sup>

---

<sup>73</sup> ANYABWILE, Thabiti M. **O evangelho para muçulmanos**: um incentivo para compartilhar as boas novas de Cristo. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015, p.15.

Um aspecto importante ao compartilhar a fé com povos árabes e em especial muçulmanos é buscar as bases comuns a estas religiões principalmente o fato de que tanto o cristianismo quanto o islamismo são religiões reveladas, isto é, ambas dependem de textos sagrados nos quais Deus se revela e manifesta a sua vontade para a humanidade.

No que se refere a este fator, o próprio Alcorão registra um caminho para o solo fértil do evangelho e da Bíblia.

Se estiveres em dúvida quanto ao que te revelamos, então, pergunta àqueles que leram o Livro antes de ti; a verdade veio realmente a ti da parte de teu Senhor. Portanto, não sejas, de modo algum, daqueles que estão em dúvida.<sup>74</sup>

Segundo Anyabwile, seiscentos anos depois de Cristo, o Alcorão registra que até o profeta Maomé entendia e ensinava que os evangelhos eram confiáveis para se chegar à verdade.<sup>75</sup>

Há de se ressaltar ainda a importância essencial da oração para evangelização do mundo árabe, em especial os povos muçulmanos. Sobre isso Calebe Mubarak declara:

Porém, mais do que nada, a intercessão cresceu e fez uma grande diferença no mundo islâmico. Existem igrejas que apresentam a Deus as necessidades dos muçulmanos todas as sextas-feiras ao meio dia, que é quando a comunidade islâmica está reunida nas mesquitas de todo o mundo para adoração. Sem dúvida, essas orações estão contribuindo para a conversão de muitos muçulmanos a Cristo através das experiências sobrenaturais por meio de sonhos, visões, revelações, curas e outros milagres mais.<sup>76</sup>

A respeito da evangelização dos povos árabes, há um grande mito, talvez o maior deles seja o que afirma que muçulmanos não se convertem. Contudo é necessário levar em conta a palavra de Deus: o evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego (Cf. Rm 1.16); e isto inclui os gentios árabes e muçulmanos.

---

<sup>74</sup> ALCORÃO. Sura 10.94

<sup>75</sup> ANYABWILE, 2015, p.31.

<sup>76</sup> MUBARAK, Calebe. **Islamismo**: Una introducción. Tradução de Hellen Ramiro de Araújo. Rio de Janeiro: Junta de Missões Mundiais, 2014, p.45.

### 3.2 RELATOS MISSIONAIS NO MUNDO ÁRABE – PESQUISA DE CAMPO

Nesta seção, serão relatados alguns depoimentos e testemunhos da obra de Deus realizada dentre os muçulmanos do mundo árabe através de missionários que de dispuseram a doar parte do seu tempo e recursos em viagens missionárias ao Oriente Médio.<sup>77</sup>

Em viagem ao Oriente Médio em 2019 reportamos o seguinte relato:

*“Fernanda<sup>78</sup>, uma mulher de 29 refugiada Síria, ao se encontrar com um missionário voluntário em um atendimento oferecido aos refugiados locais pelo grupo de missionários, relatou estar sem esperança, mas que certa vez ouvira falar de um homem, e que este homem poderia dar esperança à sua vida. Tentou procurar no Alcorão sobre este homem, mas – de acordo com a própria – o Alcorão não dizia ter nenhum homem maior que o profeta Maomé. Ao ser informada pelo missionário que ele conhecia este homem, quis ouvir falar sobre Jesus. Ao ouvir que Jesus era o salvador, confrontou o missionário sobre o Alcorão não apresentá-lo como Salvador. O missionário então apresentou o Jesus bíblico para ela e lhe falou sobre o plano da salvação, mostrando a condição pecaminosa do homem diante de Deus e a necessidade de arrependimento e fé. Ao ouvir sobre Jesus e sobre a Salvação, Fernanda arguiu: - Como posso receber este Jesus e me tornar amiga dele? – Ao se orientada de que poderia orar a Deus confessando Jesus como Salvador e pedindo perdão pelos seus pecados, assim ela o fez. Ao terminar o encontro a frase dita pela nossa nova irmã impactou a todos: - Todos os dias, as duas horas da manhã, que é quando meu marido estará dormindo, eu vou conversar com meu amigo Jesus -.”<sup>79</sup>*

Em outra ocasião em atendimento a refugiados sudaneses, reportamos o seguinte relato:

*“Lúcia<sup>80</sup>, uma mulher refugiada sudanesa, compartilha sua experiência de vida com um dos missionários voluntários. Diz que ouviu falar de Jesus quando era bem nova*

---

<sup>77</sup> Nesta seção todos os nomes e locais serão alterados/suprimidos para preservação da segurança tanto dos missionários quanto dos ex-muçulmanos que se converteram. As histórias são verdadeiras, relatadas pelos obreiros e missionários que tem dedicado tempo e recursos para realização da obra de Deus.

<sup>78</sup> Nome fictício.

<sup>79</sup> Relato reportado pelo autor em viagem missionária ao Oriente Médio em 2019.

<sup>80</sup> Nome fictício.

*e ao chegar em casa, empolgada para aprender e conhecer sobre Jesus, compartilhou com a família sobre isso e foi duramente repreendida pelos seus. Após isso, foi vendida a um casamento e o seu marido nunca a permitiu sequer conversar sobre Jesus. Teve um filho, e este, assim como o pai, não a permitia aprender sobre Jesus. Ao passar dos anos, seu marido e filho faleceram, e agora ela encontrava-se sozinho, refugiada, sem esperança e sem ninguém para explicar-lhe sobre o Jesus que ela ouvira falar quando nova. Ao ouvir da missionária que esta conhecia a Jesus e podia lhe apresentar a Ele, seus olhos se encheram de esperança e então ela orou confessando Jesus como seu Salvador, tornando-se membra da maravilhosa família de Deus.”<sup>81</sup>*



Foto 1: Ex-muçulmana confessando Jesus como salvador em oração. Viagem Missionária ao Oriente Médio. Setembro, 2019

Ainda referente ao evangelho para os árabes, há o relato dos missionários voluntários que serviram no Oriente Médio em 2019, sua relação com a pregação do evangelho e também com os cristãos que vivem como refugiados foi relatado no depoimento da equipe no artigo Atos de Amor:<sup>82</sup>

---

<sup>81</sup> Relato reportado pelo autor em viagem missionária ao Oriente Médio em 2019.

<sup>82</sup> Disponível em < <https://www.missoesmundiais.com.br/noticias/voluntarios-sem-fronteiras/338-atos-de-amor>>. Acesso em 19.10.2019

*A viagem à frente parecia longa, mas não seria maior da que nos levara até ali. Foram muitos meses de preparação, de orações e de desafios. Em nosso grupo, não havia um só integrante que não enfrentara oposição, questionamentos e até mesmo desconfiança e algum desdém: “afinal, com tanto para fazer aqui no Brasil, por que é que você vai para o Oriente Médio?” Mas agora, nada disso importa mais. Na verdade, nunca importou. Para nós, sempre bastou a certeza que Deus nos dera desde o primeiro momento.*

*Certeza essa que aumentou quando, pouco a pouco fomos apresentados uns aos outros, ainda que virtualmente. Pessoas com a mesma visão, propósito e a sede de se envolver em algo imenso que Deus já está fazendo por toda a região. Nenhum de nós queria apenas ouvir das grandes coisas que o Amigo – como deveríamos nos referir a Ele a partir de agora – estava realizando. Desejávamos ser participantes. E, naquele momento, quando nos encontramos, finalmente tudo isso começava.*

*O primeiro dia de trabalho foi de muita preparação. Como parte do grupo que veio para a cidade menor, só posso falar por nós, é claro; mas as histórias que o grupo da capital já contou sobre as coisas de lá mostram que, mesmo de longe, estamos em total sintonia. De nossa parte, há muita coisa a fazer para receber os pequenos: decidir brincadeiras, jogos, brindes, esportes... foi uma madrugada de muito planejamento, muita tesoura, cola, encaixes e risadas. E de ouvirmos o relato em primeira mão de alguém que desafiou, e ainda desafia a família, amigos e sua sociedade por amor ao Filho do Amigo.*

*O rapaz é alguém que tem sede da Palavra, que quer falar para os seus sobre ela, mas que está impedido pela realidade em que vive. Ele que vive sob ameaça permanente e não no sentido genérico da palavra, mas no sentido pessoal. Gente que sabe seu nome, seu endereço e os lugares que frequenta. E mais, que sabe quem é que também está nesses tais lugares e que não acharia nem um pouco ruim se todos ali desaparecessem.*

*Quando enfim amanheceu e as crianças chegaram aos montes! De todas as idades e com muita energia para gastar. Como meninas e meninos não podem brincar juntos, nossa equipe pensou em brincadeiras especiais para cada grupo, além de contação de histórias e atividades manuais.*

*De lanche tomado, e depois de um breve descanso, foi hora de brincar sob o sol do deserto. Não é preciso muito, exceto disposição, para cair nas graças da molecada. Dois baldes de água, alguns cones e bastante imaginação. Além do grande coringa das diversões infantis: a bola de futebol. E uma partida de futebol desses meninos conta muito sobre a realidade áspera e impessoal em que vivem. Mostra o quanto precisam de amor e, mais ainda, o quanto estão disponíveis para recebê-lo.*

*Enfim as meninas se juntam. Também por questões religiosas e culturais, nós homens não podemos interagir muito com elas. Mas agora, nesse ambiente lotado e com mulheres adultas por perto, nos revelamos como aquilo que nos tornamos: uma família.*

*O dia chega ao fim. Em fila – ou quase –, as crianças recebem seus presentinhos e saem felizes e exaustas. Assim como nós, que nos sentimos muito mais presenteados do que elas. É um privilégio ser participante de tudo isso.*

*Antes de encerrar definitivamente o dia, após o jantar, uma nova oportunidade de entender um pouco do que é viver com medo apenas por defender sua fé e sua identidade: duas irmãs de um país próximo contaram não um, não três, mas vários episódios ocorridos com elas. Não com amigos, não que ouviram; com elas. Para fugir dos horrores que viveram e presenciaram, foram para a Capital apenas para continuarem vivas. Na condição de refugiadas, não só não podem trabalhar como, ainda que pudessem, dificilmente conseguiriam emprego porque o povo deste país não gosta de refugiados.*

*São meninas capacitadas e inteligentes! Uma é arquiteta e a outra, precisou trancar a faculdade para fugir. As duas são tradutoras, e já as vi falando pelo menos três idiomas. Por serem novas, com vinte e poucos anos, os homens e a sociedade dizem que elas deveriam se casar e ter filhos. Só. Tudo o que podem fazer para tentar conseguir dinheiro é justamente alguma coisa como tradutoras, mas como todo trabalho freelancer, nunca há nada garantido.*

*Então elas conheceram a missão, e viram na dificuldade de comunicação dos recém-chegados uma oportunidade de ouro para enfim terem um trabalho fixo, traduzindo a Palavra e transmitindo o amor de Deus ao*

*mesmo povo que as forçou a sair do seu próprio país. Mas nenhuma delas admitiu ganhar uma moeda que seja para fazer isso. E elas fazem tudo. De cuidar das crianças a fazer comida, de ajudar a escrever um e-mail a faxinar sala por sala da instituição.*

*A mais velha, que vim a saber, enfim conseguira um emprego na capital, pediu licença dele para estar aqui, nesses dias, fazendo parte do mesmo projeto que nos trouxe. Ambas sorrindo o tempo todo. Ambas encantadoras.*

*Finalmente o dia se encerra. E pensar que achávamos que nós é que seríamos bênção para alguém...*

**SEGUEM ABAIXO FOTOS REFERENTES À PESQUISA DE CAMPO:**



Foto 2: Trabalho realizado pelos missionários voluntários com crianças, ensinando valores do Reino de Deus através do KidsGames. Oriente Médio, 2019.



Foto 3: Trabalho realizado pelos missionários voluntários com crianças, ensinando valores do Reino de Deus através do KidsGames. Oriente Médio, 2019.

As missões ao Oriente Médio, em especial ao mundo árabe, além do objetivo de fazer Jesus conhecido entre esses povos, também tem o intuito de fortalecer a fé e encorajar os irmãos em Cristo que são a igreja perseguida. Homens e mulheres que, por confessarem Jesus como Senhor, sofrem perseguição e todo tipo de preconceito. O texto abaixo é um relato de uma jovem cristã refugiada acerca das condições de vida fora do seu país e da importância das viagens missionárias.

*“Diana, 22 anos, iraquiana, cristã e refugiada em país do Oriente Médio há 3 anos. Fluente em 3 idiomas (Árabe, Espanhol e Inglês) além do Assírio (neoaramaico assírio ou neo-siríaco), sua língua de origem, não consegue emprego pois vive em condição de refugiada. Diz se sentir estranha vivendo no meio de outro povo que não o seu e relata sofrimento de preconceito e de racismo. Afirma viver sem liberdade e também que no momento não deseja voltar ao seu país de origem por conta dos conflitos e da perseguição. Sonha em ter uma vida livre, na verdade, uma vida apenas normal onde possa cuidar dos seus familiares e ser cuidada por eles. Sobre as viagens missionárias, Laura afirma ser de fundamental importância pois a encorajaram a permanecer firme na fé e também a conforta saber que os irmãos brasileiros se importam com ela a ponto de saírem do seu país e irem até o outro lado do mundo para ajudar os refugiados. Ao nos despedirmos a o fim da viagem*

*missionária ela afirma – Quando vocês estão, aqui sinto que estou em casa, em família.*<sup>83</sup>



Foto 4: Mulher muçulmana participando de oficinas de artesanato em projeto missionário. Oriente Médio, 2019.

A pesquisa de campo mostrou a inclusão dos descendentes de Ismael no plano salvífico de Deus através do evangelho de Jesus Cristo levado a estes pela Igreja de Jesus. Isso mostra que é possível fazer Jesus conhecido mesmo frente ao desafio geográfico, étnico e cultural frente que chamamos de povos não-alcançados.

Há um fator importante implícito no avanço do evangelho aos povos árabes, uma vez que a religião de maior predominância – o islamismo – não tem atendido a necessidade do povo refugiado. Perceber que os cristãos do mundo inteiro tem se mobilizado em prol destes, têm feito com que muitos se dispunham a ouvir o que motiva homens e mulheres a lutarem nesta causa. Os motivam a conhecer a verdade do evangelho que é de sobremaneira maior do que qualquer religião.

Este fato precisa mover, cada vez mais, homens e mulheres vocacionados para a missão a enfrentarem os desafios da transculturalidade e levar a mensagem de salvação aos descendentes de Ismael.

O relato dos descendentes de Ismael está registrado em Gn 25.12-18 e registra nominalmente cada um dos príncipes que deram origem as doze tribos de dos ismaelitas; a saber, Nebaiote, Quedar, Adbeel, Misbão, Misma, Dumá, Massá,

---

<sup>83</sup> Relato obtido pelo autor em entrevista realizada em viagem missionária ao Oriente Médio em setembro de 2019.

Hadade, Temá, Jetur, Nafis e Quedemá. Estes deram origem as doze tribos Ismaelitas. Este povo, pode se juntar ao Israel de Deus, não por etnia e sim, pelo evangelho de Jesus através do Espírito Santo como afirma Paulo aos Romanos no capítulo 2 e versículo 28: “Judeu verdadeiro é quem o é no íntimo, e circuncisão verdadeira é a do coração, feita pelo Espírito, e não pela letra da lei, recebendo assim a aprovação de Deus, e não das pessoas”.<sup>84</sup>

No fim dos tempos, na volta do Senhor Jesus, a família dos salvos será reunida para a glória do pai, e nesta família estarão todos quantos receberam o Filho e como a Escritura Sagrada afirma em Apocalipse 5.9: “e entoavam um cântico novo com estas palavras: “Tu és digno de receber o livro, abrir os selos e lê-lo. Pois foste sacrificado e com teu sangue compraste para Deus pessoas de toda tribo, língua, povo e nação”.<sup>85</sup>

---

<sup>84</sup> BIBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 1832.

<sup>85</sup> BIBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA. São Paulo: Mundo Cristão, 2018, p. 2098.

## CONCLUSÃO

A missão de levar o evangelho a todas as nações e de fazer Jesus Cristo conhecido não pode ser negligenciada de nenhuma maneira. Em nenhum tempo. Sob nenhuma justificativa.

Contudo, é perceptível que muitos fatores influenciam no sentido de desviar o foco da missão real da igreja. Entre diversos fatores que atuam nesse aspecto, encontramos o fator teológico.

Refletir sobre a teologia que norteia a vida cristã da igreja brasileira, e consequentemente reflete no sentido da missão é de fundamental importância para termos uma igreja saudável que caminha nas ordenanças do Senhor Jesus.

A primeira busca nesse sentido foi iniciada nessa pesquisa, a saber, entender a nossa cosmovisão teológica e suas implicações no cumprimento da missão. A origem judaico-cristã da teologia da igreja brasileira influencia todos, de leigos a experientes teólogos.

Entendemos com o desenvolvimento da proposta dessa pesquisa que ao olhar para os povos árabes, em sua maioria muçulmanos, encontramos um fator que influencia diretamente na evangelização destes povos. O fator teológico.

Este aspecto teológico que permeia a formação da teologia ocidental, a saber, o conceito judaico-cristão de se fazer teologia, influencia diretamente a cosmovisão ocidental de religião, de Deus e de salvação.

É importante lembrar que esta pesquisa considerou a abrangência do plano de Deus estendida aos descendentes de Ismael, mesmo que a teologia judaico-cristã deixa em segundo plano personagens como Hagar e Ismael, esta promessa aponta um plano salvífico de Deus para todos os povos, e neste caso, os descendentes de Ismael.

A discussão sobre a promessa de Deus a Abraão separa dois povos irmãos: judeus e ismaelitas. Partindo da premissa de que a construção teológica ocidental tem suas raízes em uma teologia judaico-cristã, essa tensão respinga nas igrejas do ocidente, quase que formando uma segregação étnico-teológica. O aprofundamento da discussão confirmou a importância da pregação do evangelho aos descendentes de Ismael, de forma que a Igreja pense além dos seus limites, influenciando a comunidade cristã ocidental.

Provocando tensão no epicentro exatamente na questão chave do estudo: Porque, de forma geral, a igreja brasileira se esqueceu dos filhos de Ismael, mas Deus não o abandonou, antes, o abençoou com descendentes numerosos e com bênçãos celestiais. Assim, o resultado da pesquisa demonstrou que a promessa de Deus a Abraão é abrangente a todos os povos e que os descendentes de Ismael estão incluídos dentro do plano salvífico de Deus,

À luz desta pesquisa é possível compreender pontos de encontro entre a teologia islâmica e a teologia judaico-cristã, ancorados nos aspectos antropológicos, sociais e religiosos que norteiam essas bases teológicas, uma vez que o Deus buscado pelos muçulmanos pode ser oferecido na pessoa de Jesus Cristo.

Confrontamos a teologia islâmica no cerne da salvação e suas conotações e sentidos, a fim de trazer luz à verdade do evangelho, que é o poder de Deus para salvação de todos os que creem.

A partir desse entendimento à luz também da cosmovisão de outro povo, outra cultura e outra leitura de mundo pode-se iniciar a reflexão acerca de como a igreja tem se comportado diante dos seus desafios missionários. Ter essa percepção e fazer esta reflexão nos coloca no caminho centrado ao cumprimento da missão.

Ao longo do tempo tem se discutido sobre a salvação sob vários prismas teológicos e debatidos diferentes e muitos pontos de vista acerca desse tema. Não é razão de ser dessa pesquisa estabelecer a racionalidade desse debate e tampouco encerrar essa discussão. O que se quer de fato é entender como essa discussão influencia na práxis da igreja e de cada indivíduo como receptor e propagador da mensagem de salvação. Esse talvez seja o maior desafio, pois, quando não há compreensão dos fatos, pouco se pode fazer para alterá-los, contudo, ao compreendê-los, a rota pode ser ajustada.

Diante desse exposto, essa pesquisa mostrou a universalidade da salvação em Cristo Jesus, sem distinção de raça, cor ou nacionalidade. Partindo do pressuposto da graça, do arrependimento mediante a fé, qualquer ser humano pode ser salvo da condenação eterna.

Ainda, e de fato sobre a temática dos Ismaelitas, supor ou imaginar que estes não estão incluídos na ação salvífica e redentora de Deus em Cristo Jesus, incorre num total desconhecimento das Escrituras Sagradas e da obra de Cristo.

Desenvolvemos então uma reflexão séria e mais profunda acerca das diferenças teológicas nas diferentes visões sobre salvação, contando com a ação do

Espírito Santo para direcionar e ensinar a cada cristão a cumprir a sua missão como filho encontrado e resgatado por Jesus.

A conclusão desta pesquisa é uma proposta de evangelho para os árabes e com um objetivo simples de proporcionar uma reflexão sobre a necessidade e urgência de fazer Jesus Cristo de Nazaré conhecido entre os filhos de Ismael.

A prosseguir, o Senhor nos ajude.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atos de amor. (redação JMM) Disponível em <<https://www.missoesmundiais.com.br/noticias/voluntarios-sem-fronteiras/338-atos-de-amor>>. Acesso em 19.10.2019.

ANYABWILE, Thabiti M. **O evangelho para muçulmanos: um incentivo para compartilhar as boas novas de Cristo**. São José dos Campos, São Paulo: Fiel, 2015.

ARMSTRONG, Karen. **Jerusalém: uma cidade, três religiões**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.

BÍBLIA DE ESTUDO DA REFORMA. Versão Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

BÍBLIA DE ESTUDO NOVA VERSÃO TRANSFORMADORA. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

BRUEGGEMAN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento: Testemunho, disputa e defesa**. Tradução de Jonathan L. Hack. São Paulo: Paulus, 2014.

CETEBES. **Manual do aluno: guia acadêmico para alunos e professores do Centro de Educação Teológica Batista do Espírito Santo**. Vitória, ES: Biblioteca, 2019.

ERICKSON, Millard J. **Teologia Sistemática**. Tradução de Robinson Malkomes; Valdemar Kroker, Tiago Abdalla Teixeira Neto. São Paulo Vida Nova, 2015.

GOTTWALD, Norman K. **As tribos de lahweh**. 2 ed. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2004.

\_\_\_\_\_. **Introdução socioliterária da Bíblia Hebraica**. 3 ed. Tradução de Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulus, 2011.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia Sistemática: Atual e Exaustiva**. Tradução de Norio Yamakami; Lucy Yamakami; Luiz A. T. Sayão; Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HODGE, Charles. **Teologia Sistemática**. Tradução de Valter Martins. São Paulo: Hagnos, 2001.

HOLLADAY, William L. **Léxico hebraico e aramaico do antigo testamento**. Tradução Daniel de Oliveira. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 130.

IslamReligion. **A história de Abraão: A doação de Agar e seu sofrimento**. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/296/historia-de-abraao-parte-5-de-7/>> Acesso em 19.10.2019.

IslamReligion. **A história de Abraão: O maior dos sacrifícios.** Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/296/historia-de-abraao-parte-6-de-7/>> Acesso em 19.10.2019.

JONES, Landon. **O Deus de Israel: na teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2015.

KAISER JR, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Gordon Chown. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1984.

KIDNER, Derek. **Gênesis: introdução e comentário.** Tradução de Odayr Olivetti. São Paulo: Vida Nova, 2001.

MAALOUF, Tony. **Arabs in the shadow of israel: the unfolding of god's prophetic plan for ishmael's line.** Grand Rapids: Kregel Publications, 2003.

MARCONI, M. de A; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica.** 7 ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MERRIL, Eugene H. **Teologia do Antigo Testamento.** Tradução de Helena Aranha e Regina Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2009, p.249-250.

MUBARAK, Calebe. **Islamismo: Una introducción.** Tradução de Hellen Ramiro de Araújo. Rio de Janeiro: Junta de Missões Mundiais, 2014.

O ALCORÃO. 2 ed. Tradução Mansour Chalita. Rio Grande do Sul: Acigi, 2002.

RANKO, Ronald. **Doctrine according to Godliness.** Tradução de Filipe Sabino Neto. Michingan: Reformed Free Publishing Association, 2001, p. 299-300. Disponível em [http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros\\_hanko.pdf](http://www.monergismo.com/textos/dispensacionalismo/dispensa-erros_hanko.pdf). Acesso em 10.10.2019.

RENDTORFF, Rolf. **A formação do Antigo Testamento.** 8 ed. São Leopoldo: Sinodal, 2009, p.16.

RICHARDSON, Don. **O Fator Melquisedeque.** 3 ed. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SANTOS, Valdeci S. **As anotações da Bíblia de Scofield sob uma ótica reformada.** São Paulo: Fides Reformata, v. 5, n.1, 2000 [s. p]. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/03/8-As-Anotacoes-da-Biblia-de-Scofield-sob-uma-Otica-Reformada-Valdeci\\_Santos.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/03/8-As-Anotacoes-da-Biblia-de-Scofield-sob-uma-Otica-Reformada-Valdeci_Santos.pdf). Acesso em 10.10.2019.

SCHÖKEL, Luis A. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português.** Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2012.

SCHULTZ, Samuel J. **A história de Israel no Antigo Testamento.** Tradução de João M. Bentes. São Paulo Vida Nova, 1995, p. 31-33.

STACEY, Aisha. **Salvação no Islã**. Islamreligion. Disponível em: <<https://www.islamreligion.com/pt/articles/3681/salvacao-no-islam-parte-1-de-3/>>. Acesso em 15.10.2019.